

BLIMUNDA  
4º ANIVERSÁRIO

OS LIVROS DO  
DESASSOSSEGO:  
LABORINHO  
LÚCIO

SOU UM GRITO DE DOR  
PILAR DEL RÍO ENTREVISTA JOSÉ SARAMAGO  
E INDIGNAÇÃO

SARAMAGO EDITOR DE RAUL BRANDÃO?

BRASIL: ENTREVISTA: MARINA  
NADA A TEMER COLASANTI

Mas quando todas as luzes da península se apagaram ao mesmo tempo, apagón lhe chamaram depois em Espanha, negrum numa aldeia portuguesa ainda inventadora de palavras, quando quinhentos e oitenta e um mil quilómetros quadrados de terras se tornaram invisíveis na face do mundo, então não houve mais dúvidas, o fim de tudo chegara. *A Jangada de Pedra*

4

**4 anos a  
trabalhar pela  
cultura**

Editorial

---

6

**Leituras**

Sara Figueiredo

---

11

**Estante**

Andreia Brites

Sara Figueiredo Costa

---

17

**Não vai ter  
golpe, já teve  
golpe**

Sara Figueiredo Costa

31

**A Casa da  
Andréa**

Andréa Zamorano

---

36

**Os Livros do  
Desassossego:  
Laborinho**

Lúcio

---

46

**Entrevista:**

**Marina  
Colasanti**

Andreia Brites

61

**And the  
winner is...**

Andreia Brites

---

62

**Visita guiada:**

**D. Quixote**

Andreia Brites

---

80

**Espelho Meu**

Andreia Brites

84

**Saramaguiana:  
«Sou um grito  
de dor e in-  
dignação»**

Pilar del Río entrevista  
José Saramago

---

100

**Saramaguiana:  
Saramago edi-  
tor de Raul  
Brandão?**

Vasco Rosa

---

112

**Agenda**

## 4 anos a trabalhar pela cultura

Há quatro anos, numa tentativa de preencher um pouco o enorme vazio deixado pela ausência de José Saramago, nasceu a revista *Blimunda*. Desde aquele 18 de junho de 2012, oferecemos mensalmente aos nossos leitores uma publicação que tem os livros como protagonistas, mas que também dá destaque a muitos outros assuntos que envolvem a cultura, não só em Portugal mas também em muitos outros países.

Nos 49 números já editados, a revista viajou para lugares como Bogotá, Macau, Xalapa, Barcelona, Madrid, Segóvia, Lanzarote, Ponta Delgada e Cidade do México. Abordou assuntos tão diversos como música, futebol, dança, fotografia, artes plásticas, exposições, viagens, cinema. Nas suas páginas dedicou-se espaço a grandes nomes da literatura universal como Carlos Fuentes, Gabriel García Márquez, Julio Cortázar, Jorge Amado, Clarice Lispector, Günter Grass, Herberto Helder, Eduardo Galeano, Miguel de Cervantes, Fernando Pessoa, Alberto Manguel, Mempo Giardinelli, Sophia de Mello Breyner e Agustina Bessa Luís. As novas gerações tiveram lugar de destaque ao longo destes quatro anos. Entre muitas e muitos outros, tivemos connosco Bruno Vieira Amaral, Matilde Campilho, Juan Gabriel Vásquez, Andrea del Fuego, Ricardo Araújo Pereira, Valter Hugo Mãe, Afonso Cruz, Julián Fuks, Ondjaki e Sérgio Rodrigues. A *Blimunda* foi também espaço para conversas com fotógrafos, editores, realizadores, ilustradores, críticos literários, investigadores e personalidades das mais variadas áreas numa perspetiva de construção de um mosaico da cultura do passado e do presente.

Desde o número 1 a revista reserva uma secção especial, a Saramaguiana, ao escritor que, entre tantas outras personagens, criou a protagonista de *Memorial do Convento*. Blimunda, a valente e encantadora mulher que colecionava vontades e via o interior das pessoas, tornou-se também revista. Quando em 2007 criou a fundação que leva o seu nome, José Saramago manifestou o desejo de que esta, mais do que girar em torno da sua obra, trabalhasse pela cultura e pela língua portuguesa. A criação da revista *Blimunda* vai ao encontro dessa vontade do escritor, que tem e sempre terá um lugar especial nas nossas páginas e nos nossos corações.

Blimunda 49

junho 2016

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

Rita Pais

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigns



Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

www.josesaramago.org

N.º registo na ERC 126 238

Os textos assinados

são da responsabilidade

dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação

podem ser reproduzidos

ao abrigo da Licença

Creative Commons

Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: ( 351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

**COMO CHEGAR GETTING HERE**

**Metro Subway**

**Terreiro do Paço**

**(Linha azul Blue Line)**

**Autocarros Buses**

**25E, 206, 210, 711, 728, 735,  
746, 759, 774, 781, 782, 783, 794**

**Segunda a Sábado**

**Monday to Saturday**

**10 às 18h / 10 am to 6 pm**

# FUNDAÇÃO JOSÉ SARÁMAGO THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION CASA DOS BICOS

GONÇALO VIANA

## Edição vs negócio?

O blog da editora brasileira Companhia das Letras publica regularmente textos dos editores da casa e um dos mais recentes é de Luiz Schwarcz, sobre o mercado editorial e as suas recentes transformações. O editor traça um panorama cronológico sobre a história do livro e a criação daquilo a que chamamos mercado, avançando depois para uma reflexão sobre o difícil equilíbrio entre a necessidade de alimentar as regras desse mercado e a vontade de continuar a fazer livros com o cuidado, a dedicação e o tempo que eram regra até há umas décadas. «Jogo jogado, como se diz, faço parte desse mundo, não me isento de responsabilidade e não tenho nada a reclamar dos valores comerciais que regem minha profissão. Creio que as técnicas mercadológicas ou empresariais são um dado do mundo em que vivemos, e não há como escapar delas, se quisermos sobreviver e até mesmo criar. Há brechas e incentivos que o próprio crescimento industrial traz, e para o bem. Mas quando a competição toma conta das relações de forma totalitária, apaga sentidos e tradições importantes, principalmente no que se refere a laços que envolvem personalidade e individualidade e são parte fundamental na produção de um livro. É uma pena. O que vivemos hoje é a contaminação majoritária, ou a disputa entre ambientes produtivos (ainda fundados em relações de intimidade familiar ou



amorosa) e a vontade hegemônica de valores exclusivamente comerciais.»

Consciente da impossibilidade de recuar, e defendendo um equilíbrio que deveria ser característica de um mercado cujos bens comercializados não deixam de ser especiais, na medida em que se relacionam com a cultura, a identidade, o pensamento e a criação, Schwarcz remata: «No mundo ideal deveria haver espaço para todo tipo de amor aos livros, seguindo a velha canção que dizia “qualquer maneira de amor vale a pena”. Num mundo que luta pela aceitação da diversidade, onde ficam os livros fora da norma, os livros cujo tempo é lento, mas que tanto têm a nos dar? De toda forma este é um caso complexo, por estarmos pensando num produto, num comércio, no qual as discussões se dão no âmbito do mundo dos negócios e não em fóruns políticos e sociais. As regras são ditadas pelo mercado, onde todos temos cada vez mais pressa, e a pressa, me permitam o trocadilho, é a inimiga da edição.»



## Os refugiados e a xenofobia

Na revista «Ñ», do jornal argentino *Clarín*, um artigo de Zygmunt Bauman reflete sobre a questão dos refugiados e o modo como a Europa tem lidado com esta massa desordenada de pessoas que foge da guerra e da miséria

para, tantas vezes, acabar por morrer no Mediterrâneo, com a miragem salvadora da Europa a esfumar-se diante dos olhos. A reflexão de Bauman centra-se nas reações xenófobas que têm sido registadas em tantos países e procuram analisar as suas razões, quase sempre prévias à chegada dos refugiados.

«Para los marginados que sospechan haber tocado el fondo, el descubrimiento de otro fondo por debajo de aquel en que se encuentran es un acontecimiento salvífico, que redime su dignidad humana y rescata lo que sobrevive de su autoestima. La llegada de una masa de inmigrantes sin techo, privados de derechos humanos, crea, no sólo en la práctica sino también en la letra de la ley, una (rara) oportunidad para que dicho acontecimiento ocurra. Esto parece explicar bastante bien la coincidencia de la reciente inmigración masiva y la suerte favorable de la xenofobia, el racismo, las versiones chovinistas de nacionalismo – un éxito electoral tan asombroso como inédito de los partidos y movimientos xenófobos, racistas y chovinistas, y de sus líderes ultranacionalistas.»  
Mais adiante, contextualiza as reações de muitos europeus, colocando a questão dos refugiados no quadro mais amplo que caracteriza um mundo em convulsão, lidando com a escassez de certos recursos e com as guerras, em curso e anunciadas:

«Los refugiados, como expresa agudamente Jonathan Rutherford, “transportan las malas

noticias desde un remoto lugar del mundo hasta la entrada de nuestras casas”. Nos hacen advertir, y nos recuerdan siempre, lo que querríamos olvidar o, mejor aún, lo que preferiríamos que desaparezca: fuerzas distantes, globales, a veces mencionadas pero mayormente desapercibidas, intangibles, oscuras, misteriosas y de ardua comprensión, lo bastante poderosas para interferir en nuestras vidas, desconociendo nuestras propias preferencias. Sin embargo, las “víctimas colaterales” de esas fuerzas suelen ser vistas, siguiendo una perniciosa lógica, como la vanguardia de aquellas fuerzas –que ahora hacen sus cuarteles entre nosotros. Estos nómades, no por elección sino por el veredicto de un cruel destino, nos hacen pensar, de manera irritante, exasperante y terrible, en la (¿incurable?) vulnerabilidad de nuestra propia posición y en la endémica fragilidad de nuestro arduo bienestar. Es un hábito humano, demasiado humano, culpar y castigar a los mensajeros por los odiosos contenidos del mensaje que llevan: desde esas incomprensibles, inescrutables, temibles y rectamente repudiadas fuerzas globales, que para nosotros son las responsables de nuestra humillante incertidumbre existencial, y que hacen pedazos nuestra autoestima, nuestras ambiciones, sueños y proyectos de vida. Y aunque no podemos hacer casi nada para refrenar las fuerzas elusivas y remotas de la globalización, al menos tenemos la posibilidad de desviar el enojo que nos han causado y siguen

causando, para descargar nuestro enojo, de manera vicaria, en sus productos más tangibles. Esto no podrá alcanzar, ni remotamente, las raíces del problema, pero podrá aliviar de manera transitoria la humillación de nuestra desgracia y de nuestra incapacidad para resistir la precariedad de nuestro lugar en el mundo.»



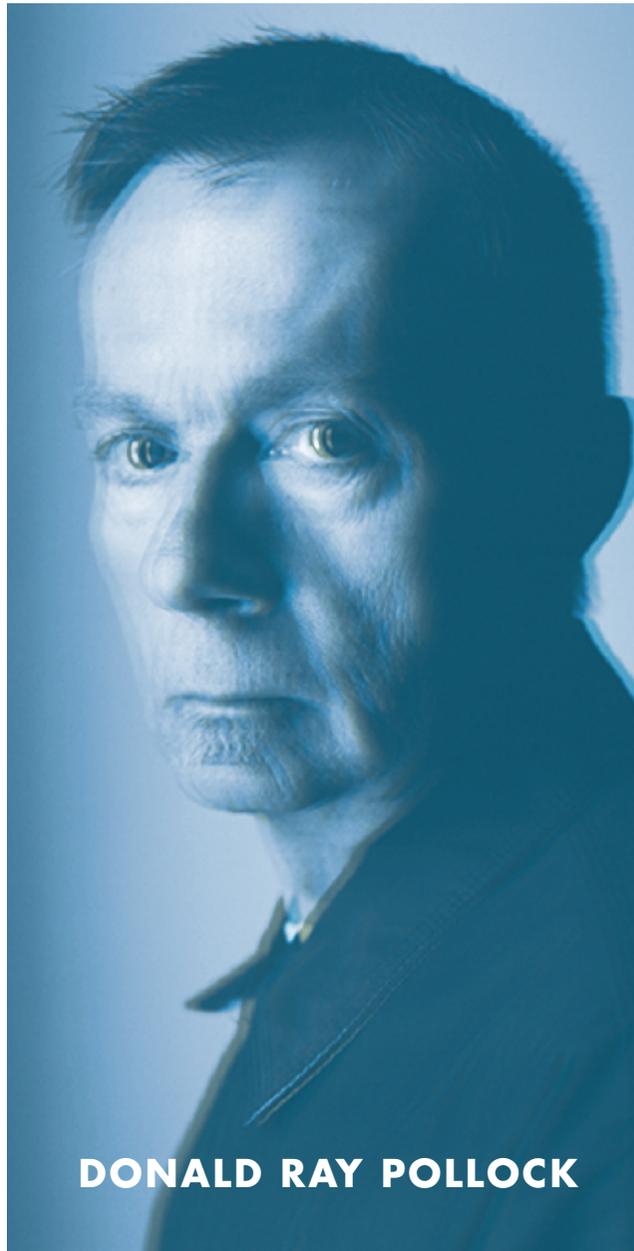
## O Ohio de Donald Ray Pollock

A jornalista Isabel Lucas tem andado pelos Estados Unidos da América, escrevendo sobre livros e escritores, mas também sobre cultura, identidade, conflitos. No *Público* do dia 5 de Junho, assinou um texto sobre o Ohio, tendo o autor Donald Ray Pollock como guia. Dois excertos:

«A viagem começa com um céu negro que “pode ficar assim durante dias, semanas”, diz Donald Ray Pollock, e “no Inverno é ainda mais negro”, adianta. “Suporto bem o frio, a neve, mas dias seguidos desse céu escuro deixam-me louco.” Está ao volante num percurso que sabe de cor, marcado pelo tal contraste entre ser-se cosmopolita no Ohio e ser-se do campo também no Ohio, um estado que começou por ser povoado por nómadas. “Isso pode explicar

alguma coisa sobre este lugar”, sorri. “Eu sou do campo. Não me vejo a viver numa cidade grande, seria incapaz”, confessa. Nada na expressão, no tom de voz, nos olhos vivos e infantis sob os óculos de aro fino revela qualquer traço do “tsunami literário do mal mais puro”, como lhe chamou o escritor Robert Goolrick no *Washington Post* quando publicou *Sempre o Diabo*, o romance que confirmou a mestria narrativa dos contos de *Knockemstiff*.»

«Para Pollock, ser do campo é uma condição, “requer uma linguagem própria, um código que só quem partilha dessa experiência reconhece”, tenta definir, e que “não é nem melhor nem pior do que o da cidade”, continua, referindo os silêncios, os olhares de soslaio, uma capacidade de perda que tem mais que ver com o tempo do que com a geografia. “É uma demora sem que isso nunca se sinta enquanto tal”, exemplifica. E é o ouvido, coscuvilheiro ou detector de sinais – como os passos na gravilha da estrada em frente, um grito ao longe, um ladrar fora de horas. E ainda encontrar conforto na solidão. “Acho, sobretudo, que é sentir que se pertence a um sítio e sem ele sermos incapazes de nos reconhecermos”, concretiza, afirmando que longe de casa não consegue escrever. A comédia humana – vista pelo seu lado mais trágico – da escrita de Pollock é tudo o que a sua geografia contém e apenas consegue viver nesse território. Fora dele, confirma a sua dimensão literária.»



## Em Bucareste

Na sua crónica do «Babelia», suplemento cultural do diário espanhol *El País*, Antonio Muñoz Molina escreve sobre uma viagem recente a Bucareste e sobre o modo como os livros que lemos definem tão fortemente as viagens e a descoberta de cada lugar:

«Yo venía con mis lecturas, sobre todo las de los diarios de Mihail Sebastian y los libros de Norman Manea, y con el recuerdo de mis conversaciones con él, y también el de una novela rara y en parte fallida de Saul Bellow, *El diciembre del decano*. En los diarios de Sebastian está la Bucarest afrancesa y art déco de los años treinta que poco a poco se transforma en el escenario de una pesadilla; la hermosa ciudad de cafés y caminatas con amigos a altas horas de la noche sumergida de un día para otro en una negrura de disidentes y judíos perseguidos y delatores y pistoleros fascistas. Bellow, que estuvo en Bucarest hacia 1980, cuando todavía duraban las ruinas del terremoto de 1977, dibuja una ciudad de fachadas en ruinas, de marrones y grises que derivan al negro en anocheceres luctuosos a las tres de la tarde. Para Norman Manea, Bucarest es la ciudad del miedo en los años de Ceausescu, la capital todavía llena de bellezas pasadas de su primera juventud, la ciudad reconocida y a la vez extranjera a la que volvió después de muchos años de exilio.»



## **A Imagem de Portugal na Galiza**

**Carlos Quiroga  
Através Editora**

### **Separados à nascença**



As relações entre a Galiza e Portugal são antigas, fundadas em raízes culturais comuns e num diálogo que, com muitas interrupções e alguns mal-entendidos, foi sendo mantido ao longo dos séculos. Carlos Quiroga, escritor, professor de filologia na Universidade de Santiago de Compostela e editor tem sido, na contemporaneidade, um dos agentes mais militantes desse diálogo e o livro que a Através agora publica é exemplo claro dessa dedicação. *A Imagem de Portugal na Galiza* resulta de um convite para a colaboração do autor no projeto *Portugal segundo os Países e Nações da Lusofonia. Um Quase Dicionário*, lançado em 2013 sob a coordenação de Ana Paula Tavares e José Eduardo Franco. A inclusão da Galiza neste volume será tanto mais natural quanto maior for a consciência de ser a Galiza um território integrado no espaço a que chamamos lusófono por direito próprio, mesmo não sendo um dado adquirido em todo o universo cultural e académico. A ressalva importa tanto mais quanto a discussão sobre a identidade – nomeadamente a linguística – galega tem passado por este tópico, mesmo não podendo escamotear-se que a assunção do galego no espaço da chamada lusofonia não será pacificamente aceite de modo universal.

É nesse espaço e nessa posição que se insere o volume agora publicado por Carlos Quiroga, um pequeno livro a traçar um longo arco cronológico, contextualizando a história

da Galiza e assinalando, em cada momento, as pontes com Portugal. Dos mais antigos vestígios históricos e documentais partilhados por ambos os territórios a uma atualidade onde a vizinhança é pacífica, mas nem sempre muito dialogante, o autor passa pela lírica galaico-portuguesa, pelos chamados séculos escuros (quando começa o domínio castelhano na

Galiza e o galego é relegado para um estatuto de língua familiar e socialmente desprestigiada) ou pelo ressurgimento, alcançando um presente onde o galego tem uma grafia própria e distinta do português, afastando-se irremediavelmente de um tronco comum que a história atesta e vai testemunhando ao longo do tempo. Nem só de língua se fala neste volume, ainda que esta seja elemento inevitável num ensaio desta natureza. A representação de Portugal e dos portugueses na literatura popular galega, no teatro ou nos lugares-comuns do quotidiano é analisada com minúcia, sempre cruzando essa análise com o contexto histórico e cultural. Do mesmo modo, os momentos em que as grandes aproximações culturais entre ambos os territórios são notórias – com o ressurgimento ou com a Geração Nós, já no século XX – são apresentados com detalhe, servindo o seu exemplo como reflexão aprofundada para uma relação que, de acordo com a visão do autor, tinha todas as condições para ser muito mais intrínseca do que é na realidade, não fossem as voltas da história política.

*A Imagem de Portugal na Galiza* é uma boa síntese de uma história comum, mas é sobretudo uma reflexão bem documentada sobre o que Portugal representou e representa – e, muitas vezes, sobre o que poderia representar – para uma comunidade cuja identidade não tem como desligar-se do território imediatamente a sul.

C E S  R E A

UM OLHAR SUI GENERIS  
E CHEIO DE HUMOR PARA O UNIVERSO  
PARALELO DOS RESTAURANTES.  
VOCÊ PRECISA CONHECER APICIUS.

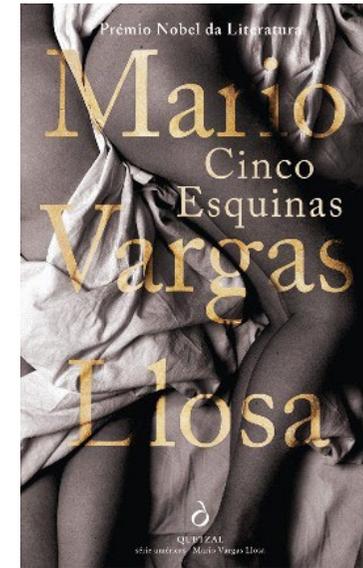


CESAREA.COM.BR



***Onde está a minha mãe?***  
António Mota, ilust. Sebastião Peixoto  
Asa

Fábula sobre a descoberta do mundo, o mais recente título de António Mota continua a discorrer sobre os pequenos detalhes da natureza. Neste livro, dois irmãos coelhos tomam uma decisão arriscada que os leva a sair da toca e explorar os campos em redor. A família e o crescimento têm aqui nova versão singela, desta feita sem a carga violenta que muitas vezes está patente na obra do autor.



***Cinco Esquinas***  
Mario Vargas Llosa  
Quetzal

Um romance que reflete sobre o poder, nas suas múltiplas formas, e sobre o modo como este define a vida dos indivíduos e da comunidade. Fortemente marcado pelo amor e pelo erotismo, a narrativa de Vargas Llosa acompanha o quotidiano da sociedade peruana nos anos em que Alberto Fujimori governava o país.



## ***Marco Paulo É a Minha Religião***

Pepedelrey e João Tércio  
El Pep

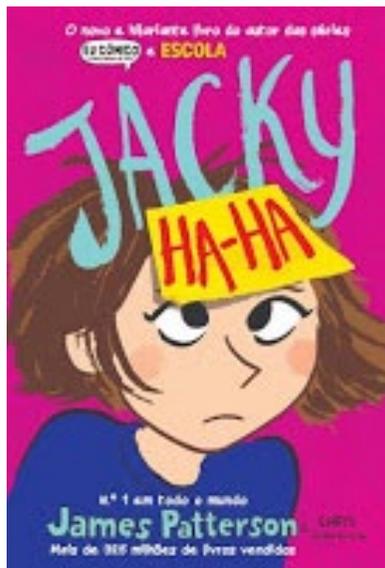
Bandas desenhadas de Pepedelrey e João Tércio em torno do universo musical do cantor Marco Paulo. O conjunto das narrativas breves assume a paródia a partir das letras das canções e da iconografia a elas associadas, acabando por compor um quadro que reflete os lugares-comuns e as referências partilhadas de uma certa cultura portuguesa contemporânea.



## ***Cheguei atrasado à escola porque...***

Davide Cali, Benjamin Chaud  
Orfeu Negro

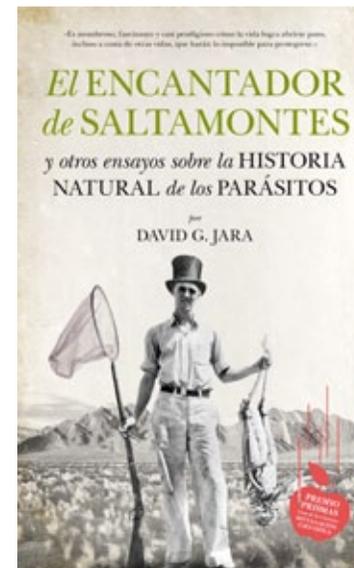
Sequela de *Não fiz os trabalhos porque...*, este novo álbum mantém o mesmo sentido de humor, elencando incidentes absurdos e totalmente inverosímeis para justificar uma falta comum. Todavia, há que acrescentar que os diálogos intermitentes com a professora surpreendem pela convicção do protagonista.



## *Jacky Ha-Ha*

James Patterson, Chris Grabenstein  
Booksmile

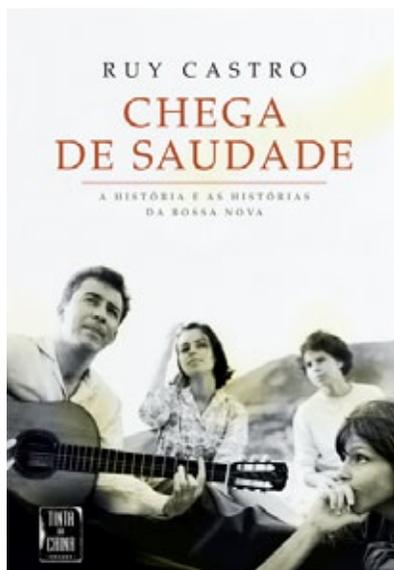
Esta nova série de James Patterson, autor do best-seller *Eu cómico*, acompanha uma adolescente de doze anos na sua rotina familiar rodeada de irmãs e no seu quotidiano escolar e social. A protagonista tem por característica uma incapacidade de se manter em silêncio ou de escolher o que diz, resultando em momentos embaraçosos e cómicos. Parece que nem sempre o seu sentido de humor é bem compreendido.



## *El encantador de saltamontes*

David G. Jara  
Guadalmezán

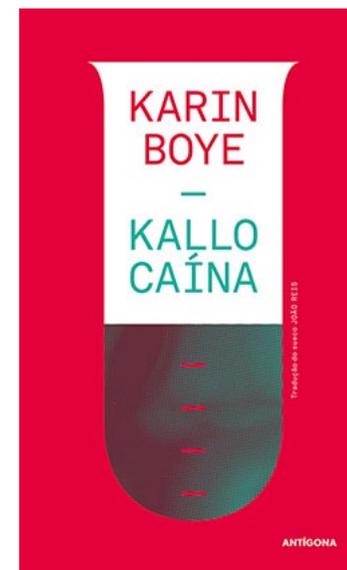
O título completo é *El encantador de saltamontes y otros ensayos sobre la historia natural de los parásitos* e este é o livro vencedor do Prémio Casa de las Ciencias de La Coruña em 2014. Assumindo a divulgação científica como missão, David G. Jara escreve sobre os parasitas numa linguagem acessível e marcada por alguns episódios caricatos, sempre à luz das teorias evolucionistas.



## *Chega de Saudade. A história e as histórias da Bossa Nova*

Ruy Castro  
Tinta da China

Quase três décadas depois da sua edição original, no Brasil, o livro essencial sobre a história da Bossa Nova, seus antecedentes e respectivas consequências na cultura e na identidade brasileiras chega agora a Portugal. Ruy Castro escreve com ligeireza disfarçada, já que a sua erudição sobre o tema e os temas que com ele se relacionam é imensa e generosamente partilhada.



## *Kallo Caína*

Karin Boye  
Antígona

Na Suécia dos anos 30 do século passado nasceu uma das grandes distopias da literatura universal. *Kallo Caína* é o futuro totalitário onde a delação é a prática que sustenta a autoridade do Estado e é também o nome do soro da verdade criado por um cientista, mecanismo que acentuará de modo drástico a anulação do indivíduo em nome da plenipotência do Estado.

SARA  
FIGUEIREDO  
COSTA

ANDREIA  
BRITES

**BEYOND CONCRETE.**  
**WWW.MARTMAGAZINE.NET**

**mART: MACAU AND LISBON  
ON THE SAME PAGE**

**mART**

**quarto**  
**room**  
**sonhatório**  
**multimedia**  
**biblioteca**  
**library**  
**restaurante**  
**restaurant**  
**loja shop**



credito do Museu de Lisboa - cm

**CASA FERNANDO PESSOA**  
[www.casafernandopessoa.pt](http://www.casafernandopessoa.pt)



**10h00-18h00**  
Última entrada  
Last admission  
17h30  
**Encerrado | Closed**  
Domingos | Sundays  
1.01 / 1.05 / 25.12



**Rua Coelho da Rocha, 16**  
Campo de Ourique,  
Lisboa



**21 391 3270**



**10h - 23h**  
**Encerrado | Closed**  
Domingo | Sunday



**25 | 28** 5min



**Rato** 15min

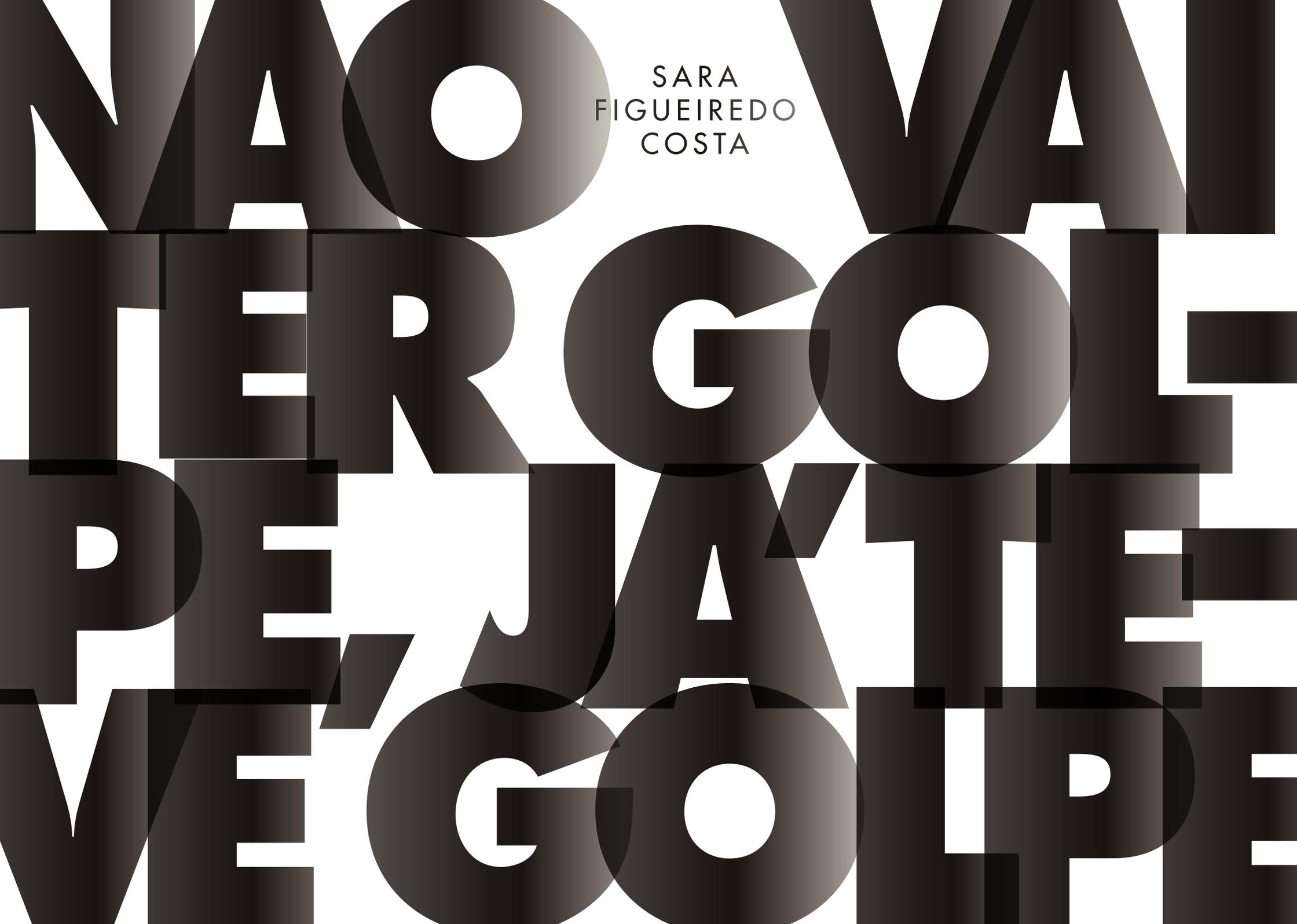


**709 | 720 | 738** 5min



**EGEAC**

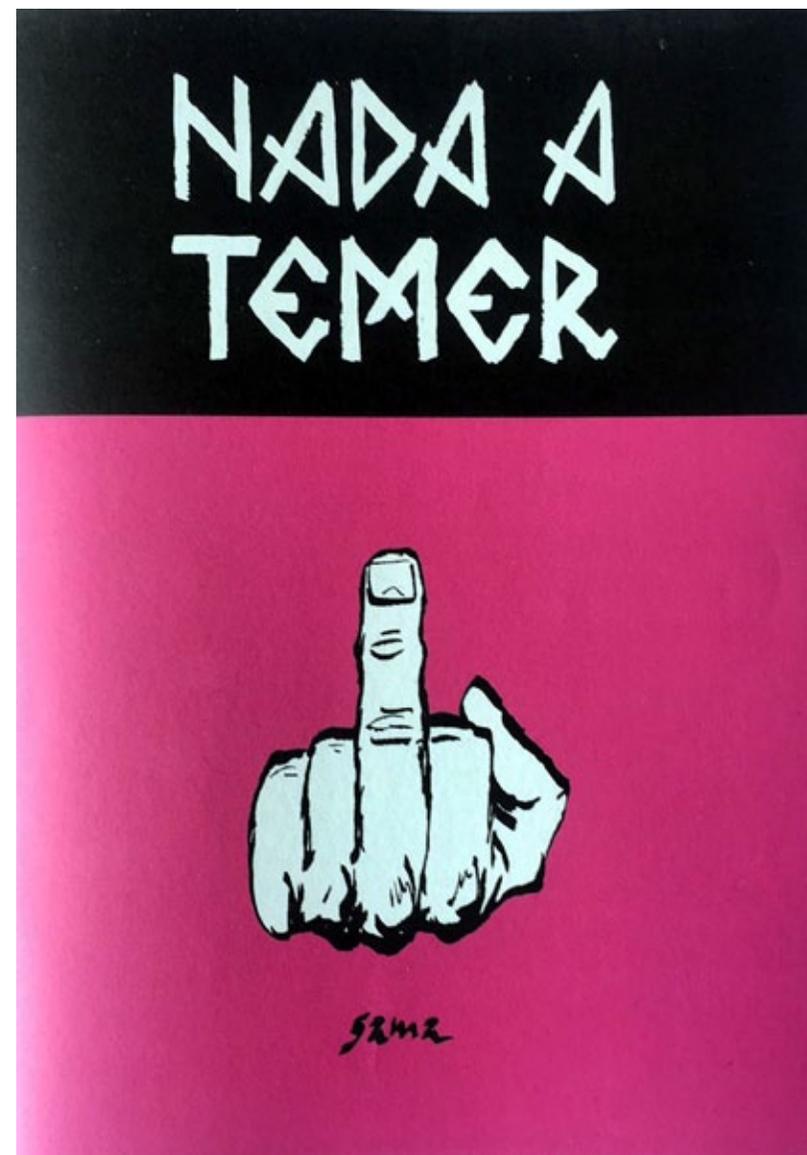
SARA  
FIGUEIREDO  
COSTA



## NÃO VAI TER GOLPE, JÁ TEVE GOLPE

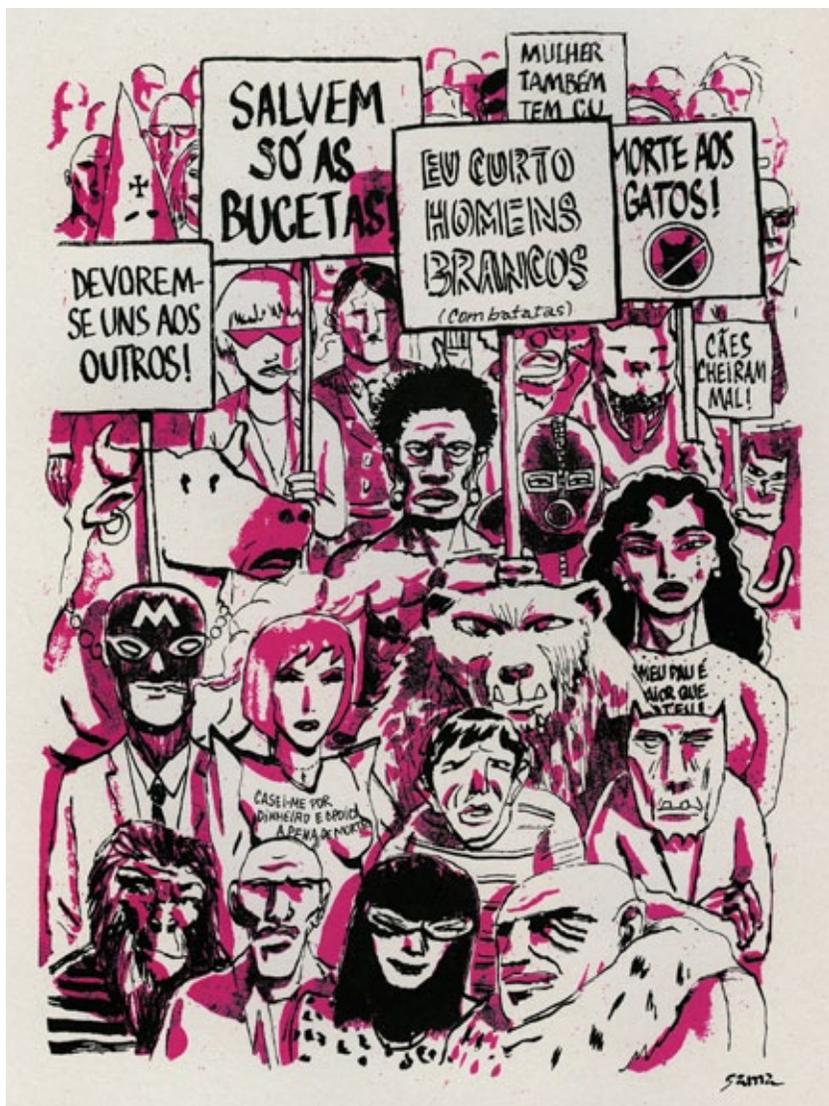
Em abril deste ano, a Câmara dos Deputados brasileira anunciava uma votação que poderia conduzir ao *impeachment* da Presidente da República, Dilma Rousseff, e à sua substituição no cargo sem recurso a eleições. O momento não era autónomo, no sentido em que não se desligava de um contexto complexo e anterior, as manifestações do Movimento Pelo Passe Livre, a contestação em torno da Copa do Mundo de Futebol e dos Jogos Olímpicos que decorrerão este ano no Rio de Janeiro, os escândalos de corrupção no Governo, actual e anterior, uma eterna clivagem entre ricos e pobres que parece não permitir escapatória. O artista brasileiro Sama, residente em Portugal, foi um dos muitos que usou a sua voz e os recursos que compõem o seu trabalho para manifestar uma posição sobre o sucedido.

***Nada a Temer*** é um livrinho singelo no seu formato, trinta e seis páginas agrafadas, capa mole, impressão a duas cores, quase uma plaquete, em edição de autor. Lá dentro, duas histórias em banda desenhada, vários cartoons e ilustrações, um conjunto de textos, tudo sobre os recentes acontecimentos no Brasil. Na capa, apenas o título, o nome do autor e, sobre um fundo cor-de-rosa, uma mão que estica o dedo do meio num gesto que não necessita de legendas. Os trabalhos que Sama aqui reúne não são inéditos, tendo cir-



## NÃO VAI TER GOLPE, JÁ TEVE GOLPE

culado na internet, no blog do autor e na revista *Vice*, entre outros espaços, mas a sua compilação num volume único confere ao conjunto uma capacidade de refletir sobre os acontecimentos que têm marcado o Brasil nos últimos meses. Como explicou Sama à *Blimunda*, «foi tudo muito corrido, com exceção de alguns cartoons que eu já tinha desde 2013, quando as grandes manifestações eclodiram no Brasil. A maior parte do material é mesmo muito fresca. A BD-reportagem, “Contra a Tarifa”, é de janeiro, sobre as manifestações do MPL ocorridas em dezembro de 2015 e janeiro deste ano, e “Foda-se, é Carnaval!” foi mesmo feita na altura do Carnaval deste ano. Ambas foram publicadas pela revista *Vice*. Alguns cartoons e textos foram notoriamente feitos para a publicação no calor dos recentes acontecimentos da política do Brasil dos últimos meses. Estava estarecido com as notícias e queria fazer algo a respeito. Fui conferir o que já tinha feito e percebi que tinha imenso material. E olha que muita coisa ficou de fora, pois as informações visuais, como bandas desenhadas, charges e cartoons ocupam muitas páginas... Decidi então usar alguns textos de pessoas que percebem bem o Brasil. As colaborações chegaram praticamente a menos de uma semana do projecto ir para a gráfica.» Entre elas,



contam-se textos de Carlos Tê, Luísa Sequeira, Joana Lopes

## NÃO VAI TER GOLPE, JÁ TEVE GOLPE

e José Soeiro. Há ainda um texto de Noam Chomsky que, segundo Sama, «não foi participado ainda... Saquei-lhe o texto de uma declaração que ele fez na televisão americana.» Quanto às restantes participações, o autor sente-se agradecido: «Só tenho boas palavras para descrever isto que aconteceu... Há muito que eu e o Carlos Tê queríamos fazer alguma coisa juntos. Pensávamos que esta primeira colaboração seria algo para o cinema ou para a BD, mas pela urgência dos factos acabou sendo este texto meio de-sabafo, meio declaração de amor ao Brasil, que ele conhece tão bem. Com o José Soeiro foi um aproveitamento de uma declaração dele na sua página do facebook. Entrei em contacto e perguntei-lhe se poderia usar o texto no projecto, expliquei-lhe o contexto e ele concordou, adaptámos o texto para a publicação e voilà! A querida Joana Lopes, que é um prodígio a escrever sobre política, foi convidada por mim e prontificou-se em dar seu parecer sobre o “freak show” dos parlamentares brasileiros a votarem o *Impeachment* da Presidente Dilma Rousseff. A cineasta e jornalista Luísa Sequeira, que conhece o Brasil como poucos brasileiros conhecem, ficou com a apresentação.»

Uma das histórias de ***Nada a Temer*** apresenta-se como reportagem, acompanhando as ma-



## NÃO VAI TER GOLPE, JÁ TEVE GOLPE



nifestações do Movimento Passe Livre, em São Paulo, já no início deste ano. «Contra a Tarifa» segue as linhas de um trabalho jornalístico, apresentando o contexto geral, explicando os factos na origem do movimento (o aumento dos preços dos transportes públicos, decidido em dezembro de 2015 pelo Governador, pelo Prefeito da cidade e pelas empresas transportadoras), analisando as consequências destes factos no quotidiano da cidade e seguindo de perto algumas das muitas manifestações que ocuparam as ruas de São Paulo. Importa dizer que Sama não cumpre a regra da imparcialidade jornalística, não se abstendo de comentar o papel da polícia e da repressão, apropriando-se de partes do discurso dos manifestantes. Uma das mais interessantes linhas de leitura desta história é, por isso mesmo, a reflexão sobre essa ideia de imparcialidade e o modo como serve, ou não, os leitores. Que tipo de imparcialidade se pode almejar quando as notícias de maior circulação revelam, tantas vezes, fraca informação sobre

as manifestações, generalizações inaceitáveis sobre o comportamento dos manifestantes, poucos dados sobre o negócio na origem do movimento? Perceber que papel pode ocupar uma banda desenhada como esta na informação a que todos temos direito, lendo-a à luz de outros movimentos

## NÃO VAI TER GOLPE, JÁ TEVE GOLPE

de informação alternativa que estão, queiramos ou não, a mudar a face da informação e do modo como esta circula (a Mídia Ninja, no Brasil, é um bom exemplo disso mesmo), pode ser essencial nos próximos tempos. Sama contou à Blimunda que, para além de teatro, estudou jornalismo «na Faculdade Hélio Alonso, no Rio de Janeiro, faz tempo, isso... Nunca tinha exercido, até agora. Será que irei precisar da minha carteira?»

«Contra a Tarifa» é, portanto, o trabalho de um jornalista com formação, mas esse facto não faz Sama prescindir de uma opinião sobre os movimentos de informação que têm surgido, no Brasil como em muitos lugares do mundo, à margem dos média tradicionais. «Olha, gosto muito da iniciativa da Mídia Ninja, ainda mais considerando que as fontes oficiais no Brasil não são lá muito confiáveis. As minhas fontes são bem diversificadas, além de ser brasileiro e ir com regularidade ao Brasil, leio bastante e troco muito com outros profissionais da área de opinião e de jornalismo. Considero-me um autor de ficção, mas estou a ficar cada vez mais à vontade com os relatos de “não ficção” e biográficos. E confesso que os factos, não só no Brasil, mas de um modo geral, estão muito mais assombrosos do que qualquer ficção hoje em dia...» Ainda assim, o autor não



## NÃO VAI TER GOLPE, JÁ TEVE GOLPE

confunde os planos da realidade e da ficção, clarificando que este livro não é, todo ele, uma peça informativa, mas insistindo na importância da informação dita alternativa numa altura em que os média perderam grande parte da sua independência, tão essencial: «Em algumas peças, expus metáforas e também caricaturas da realidade urbana brasileira, mas no seu contexto geral, Nada



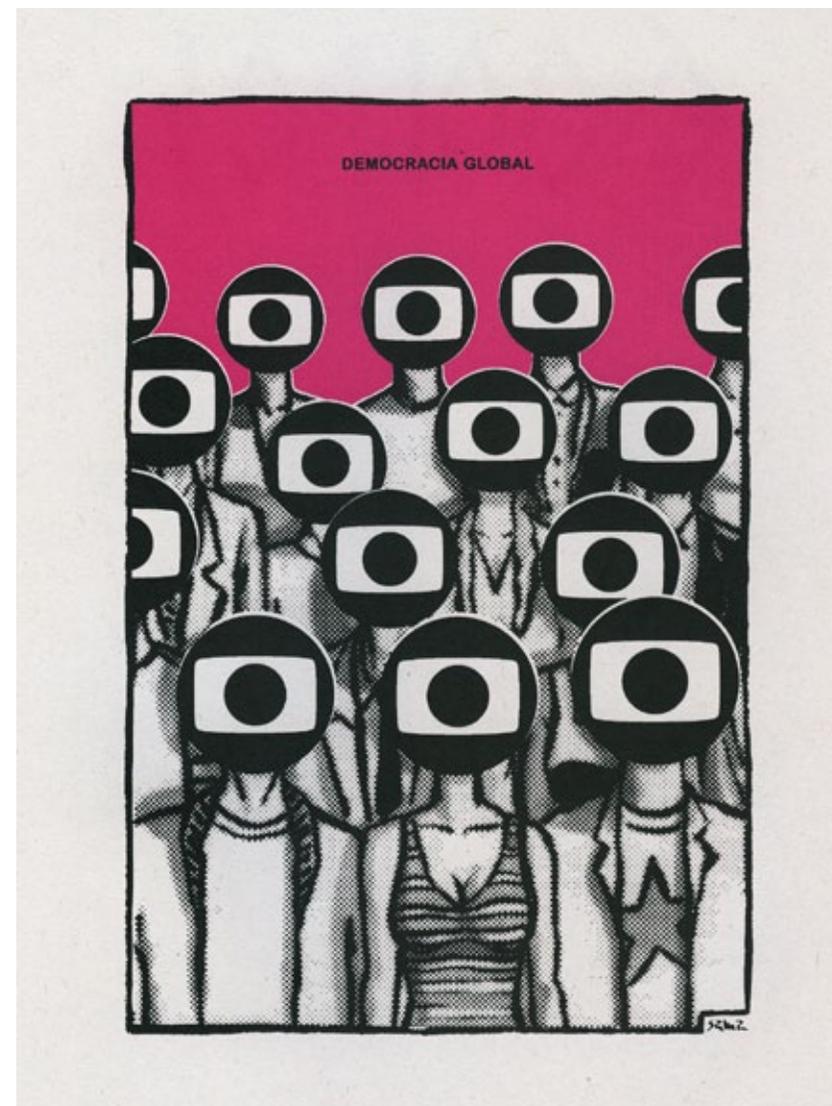
a Temer é o mais sincero possível. Independentemente disto, acho que há que ter sempre cuidado com qualquer fonte de informação nesta era em que vivemos... Existe muita informação boa e ruim a circular por aí. Infelizmente, cada vez mais os meios de comunicação estão a serviço do capital privado, a publicitar pensamentos uniformizantes ao invés de informar ou noticiar. Recomendo a todos que, antes de aceitarem qualquer notícia de algum jornal, revista, Tv, pesquisem e tenham conhecimento de qual grupo este veículo emissor faz parte e a quais propósitos ele serve.»

Sama tem desenvolvido um percurso consistente na banda desenhada, na ilustração e nos territórios adjacentes. De seu nome Eduardo Filipe, o autor publicou nas revistas *Piauí*, *Argumento*, *General*, integrou antologias internacionais, teve o seu trabalho destacado em exposições e galerias e, em 2011, assinou o livro *A Balada de Johnny Furacão*. A versatilidade do seu traço é notória neste último livro, do detalhe

## NÃO VAI TER GOLPE, JÁ TEVE GOLPE

necessário à configuração de um espaço e um contexto reconhecíveis na história «Contra a Tarifa» à composição de pranchas mais livre, com espaço para a languidez das personagens respirar em todo o seu esplendor em «Foda-se, É Carnaval!», passando pelos diferentes registos, colagens, experimentações nos cartoons e nas pequenas tiras que povoam **Nada a Temer**.

Usando para título do seu livro a frase-slogan apropriada por muitos milhares de pessoas para contestarem o novo presidente do Brasil, Sama coloca nestas páginas a sua voz e a de muitos outros que não aceitam o *impeachment*, assumindo que o que aconteceu no Brasil foi um golpe de Estado. Quando se anunciou a votação do Senado brasileiro, o movimento Não Vai Ter Golpe espalhou mensagens pela internet, pelas ruas do Brasil e por alguns outros lugares do mundo onde brasileiros ou gente de outra nacionalidade se solidarizou com aqueles que, no Brasil, não queriam o resultado que acabou por ser o da votação. Depois de semanas agitadas, política e socialmente, aquilo que estes manifestantes não hesitaram em apelidar de golpe acabou por acontecer. De acordo com a visão de Sama, «o golpe já vinha ocorrendo há muito e ocorre a cada instante, no Brasil e no mundo. Ocorre nas pequenas acções, não só na oficialidade de uma troca de representante.



## NÃO VAI TER GOLPE, JÁ TEVE GOLPE

O golpe vem sendo tramado nos bastidores, o que assistimos no palco do teatro político é só o resultado de um trabalho sujo de mais de meio século atrás. Sobre o futuro, qualquer previsão mais

específica seria imprudente da minha parte ou de qualquer um, mas de um ponto de vista "macro" podemos detectar uma tendência mundial para uma fratura generalizada da Democracia, caso esta continue subjugada pela política neoliberal, imposta por um poder econômico amoral, amorfo e quase abstrato. Como citei antes, os atores estão aí a representar seus papéis: pastores, juizes, advogados, políticos, empresários, etc. ... Mais eficiente do que substituí-los, é combater aquilo que os corrompe, que nos corrompe a todos nós.» Já teve golpe, mas continua de pé a vontade de o interromper.



***Nada a Temer* é uma página de Facebook criada por um coletivo de ilustradores e autores de banda desenhada brasileiros. Na sequência do impeachment que retirou Dilma Rousseff da presidência da República do Brasil, substituindo-a por Michel Temer, dezenas de outros ilustradores e autores de banda desenhada têm partilhado nesta página os seus trabalhos sobre o assunto, apelando à partilha das imagens e a novas colaborações. Seleccionámos alguns desses trabalhos nas páginas que se seguem.**

**[https://www.facebook.com/nadaatemer2/info/?tab=page\\_info](https://www.facebook.com/nadaatemer2/info/?tab=page_info)**

NÃO VAI TER GOLPE, JÁ TEVE GOLPE



8 JUNHO, LARISSA RIBEIRO



23 MAIO, FERNANDA OLIVER

NÃO VAI TER GOLPE, JÁ TEVE GOLPE



2 JUNHO, ZANSKY

NÃO VAI TER GOLPE, JÁ TEVE GOLPE

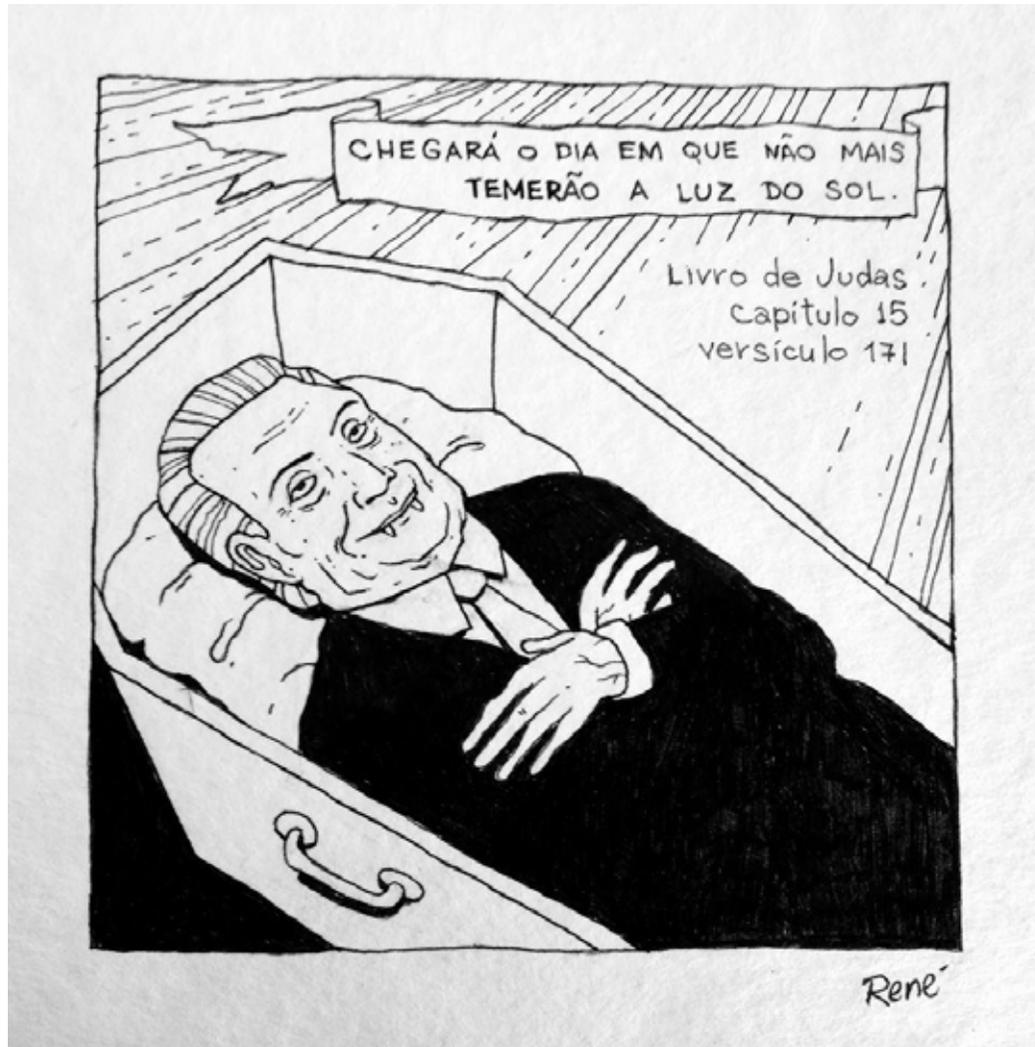


18 MAIO, MARCELO D'SALETE



1 JUNHO, JÉSSICA BOZZI

NÃO VAI TER GOLPE, JÁ TEVE GOLPE



4 JUNHO, RENÉ CORINI D'AGOSTO



25 MAIO, GARCEZ

AOCASIA

DA

ANDRÉA

ANDRÉA ZAMORANO

## DO QUE NÃO FUI CULPADA

Toda a gravidade do universo me mantinha colada ao colchão. Tentei mover as minhas pernas, os meus braços e nada acontecia. Sabia estar viva por ser capaz de ouvir os meus pensamentos entorpecidos, iam me dizendo para sair dali. Sentia o pó do chão a entrar pelas narinas e as molas desgastadas do colchão perfuravam o meu corpo abandonado. Meus olhos rasteiros percorriam a divisão em busca do vazio, desejando que tudo estivesse terminado e pudesse ficar ali quieta, imóvel com a poeira, as molas velhas e a escuridão.

Ouvi um clique. A música eletrónica invadiu por segundos o cubículo, foi de imediato abafada pela lâmpada tímida que se acendeu quando a porta voltou a fechar. Enormes *Stan Smith* sustentando tornozelos magros me cercaram. A roda de ténis abriu-se ligeiramente e vi crescer na minha direção uma sola de sapato onde se lia *made in italy*, sem hesitar alcançou o meu rosto, pisou o osso da minha bochecha com força contra o colchão

cúmplice, repetia um mantra interminável de insultos. Meus olhos fecharam-se, já não havia lágrimas para chorar.

O sapato italiano então decidiu mostrar aos ténis como virar o meu corpo, enfiando o calçado por baixo do meu ombro e empurrando-o. Todos compreenderam. Em conjunto executaram a operação com sucesso, cada um chutando um bocado do corpo ao mesmo tempo. O pedaço de carne jacente foi virado de barriga para cima.

Já tanto me fazia a sorte de objetos que enfiariam daquela vez pela minha vagina adentro, até um dos Adidas se agachar ao meu lado e, com as duas mãos, obrigar-me a abrir a boca apertando o meu rosto esmagado com os polegares e os médios. Imaginei-me outra vez engolindo o sémen de algum deles. O sapato usou as mãos para abrir o zíper das calças, de lado de dentro saiu um pênis flácido, segurou-o e paciente explicou aos pupilos como não falharem o alvo. Urinou para a minha boca. O líquido quente e fétido inundou a minha cavidade bucal, derramou-se pelo meu rosto. Os Adidas ficaram desmedidamente excitados, ouviram-se urros de vitória e de celebração. Decidiram copiar o líder da matilha: puseram-se a

urinar para o meu rosto, a pontaria ainda estava longe da perfeição; outros apenas se masturbavam.

Catatónica, preferi submergir no excremento. Fui inundada por uma leveza salina, meu corpo se entregava, apercebi-me que por fim estava a conseguir morrer, ia me afogar na ureia. Estava enganada. Alguém me agarrou pela cintura, obrigando-me a sentar curvada para o lado do colchão.

Vomitei tudo para cima de um dos *Stan Smith*. Enquanto todos riam, fazendo troça do prejuízo que o jorro de mijo, Rohypnol e álcool havia feito num dos Adidas, o injuriado chutou de baixo para cima a cabeça que pendia do meu corpo inerte. Com a violência, meu rosto foi projetado para trás e junto com ele um dente que saltou muito alto da minha boca. Mais gargalhadas se escutaram. O sapato pediu para não maltratarem além do necessário, não é agradável esfregar o pênis numa face ensanguentada. É preciso não destruir o objeto que se manipula.

Naquele momento, o sapato convocou os seus confrades para que em comunhão me penetrassem ao mesmo tempo. Arrastaram-me do colchão e estenderam o meu corpo numa bancada ansiosa, tiraram as indispensáveis *selfies* ao lado dos meus orifícios a serem preenchidos: a boca

pertencia ao sapato; o restante do corpo deveria ser distribuído, os ouvidos, um para cada; a vagina poderia ser partilhada por dois pênis em simultâneo; o ânus era para o mais velho do grupo e o umbigo ficava como exercício para o mais jovem. Cada qual ao seu ritmo foi terminando a tarefa, os pênis pendiam exaustos numa abominação de sémen e sangue.

Sem gritos, lágrimas ou qualquer resistência, aquela substância oca começou a lhes parecer demasiado prescindível. Atiraram meu corpo para um canto. Um clarão do exterior entrou por segundos com a lonjura da música, a porta bateu e fez-se um silêncio escuro.

Decidi morrer rápido antes que regressassem. Sem sair do meu lugar, vomitei de novo, fui recuperando alguma coordenação, consegui me pôr de quatro. Apalpei o chão em busca de um qualquer objeto com que pudesse me livrar de mim mesma. Tateava na esperança de algo cortante, a minha mão tocou no que parecia ser uma perna de mulher. Segui a pista do seu corpo e descobri outra estudante desacordada. Quis salvá-la. Pus-me em tãõ de pé e cambaleando, encontrei apenas uma pá. Reuni o pouco de forças e movimentos que me restavam, apanhei balanço e acertei em cheio na sua cabeça. Uma, duas, três vezes até ter a certeza de que pelo menos uma de nós estava livre.

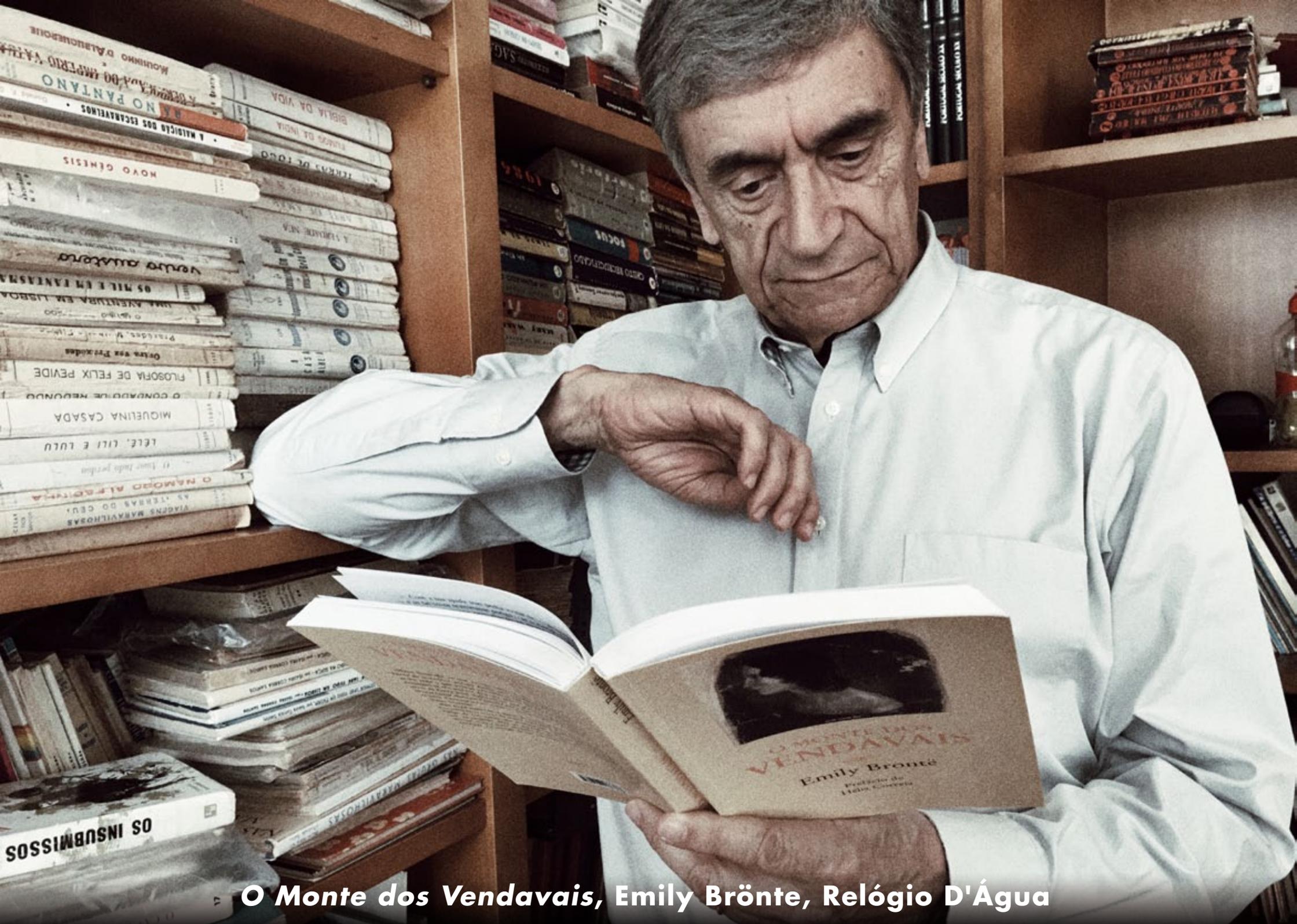
# LABORIN

OS LIVROS DO DESASSOSSEGO

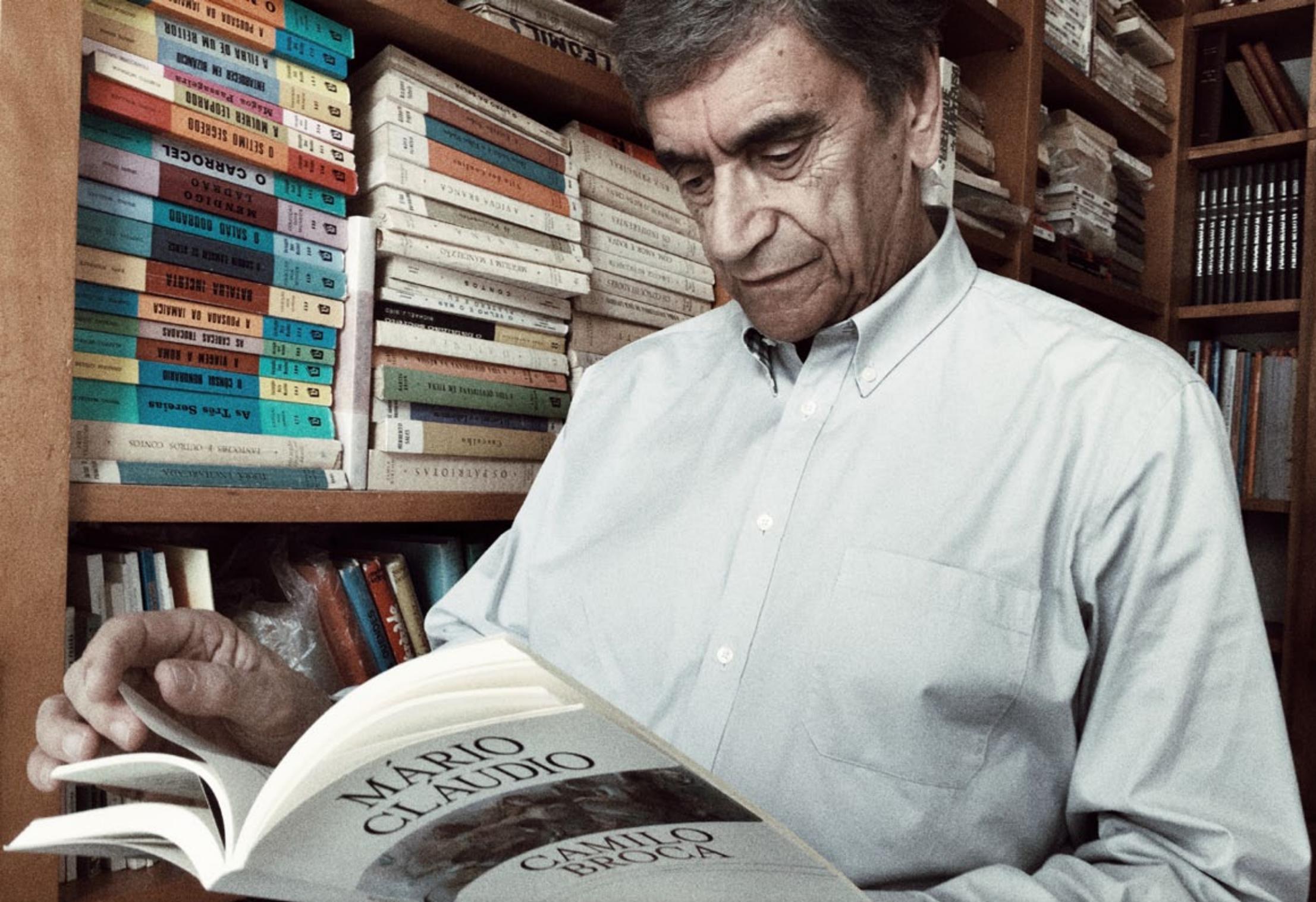
# HOLLÚCIO

Jurista, professor universitário e ex-ministro da Justiça, Álvaro Laborinho Lúcio participou nos **Dias do Desassossego** numa mesa que teve como mote a pergunta: “Se a literatura salva?”. A conversa, moderada pelo jornalista Luís Caetano e que contou também com a presença de Gabriela Canavilhas, girou em torno da ideia da experiência leitora e dos livros que marcaram a vida dos convidados. À *Blimunda* e aos seus leitores Laborinho Lúcio mostrou os livros que o desassossegam.

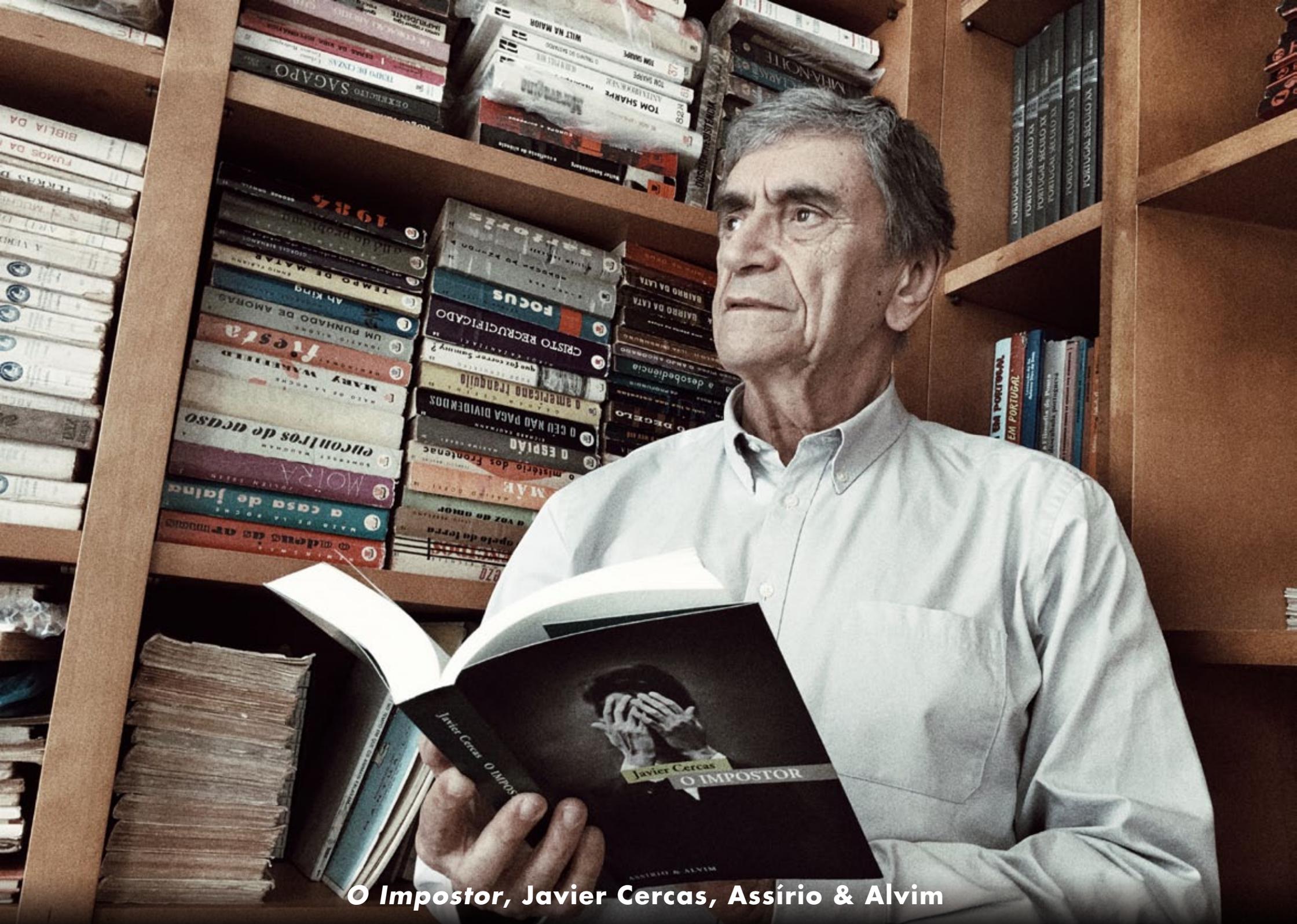
FOTOGRAFIAS DE JORGE SILVA



**O Monte dos Vendavais, Emily Brontë, Relógio D'Água**



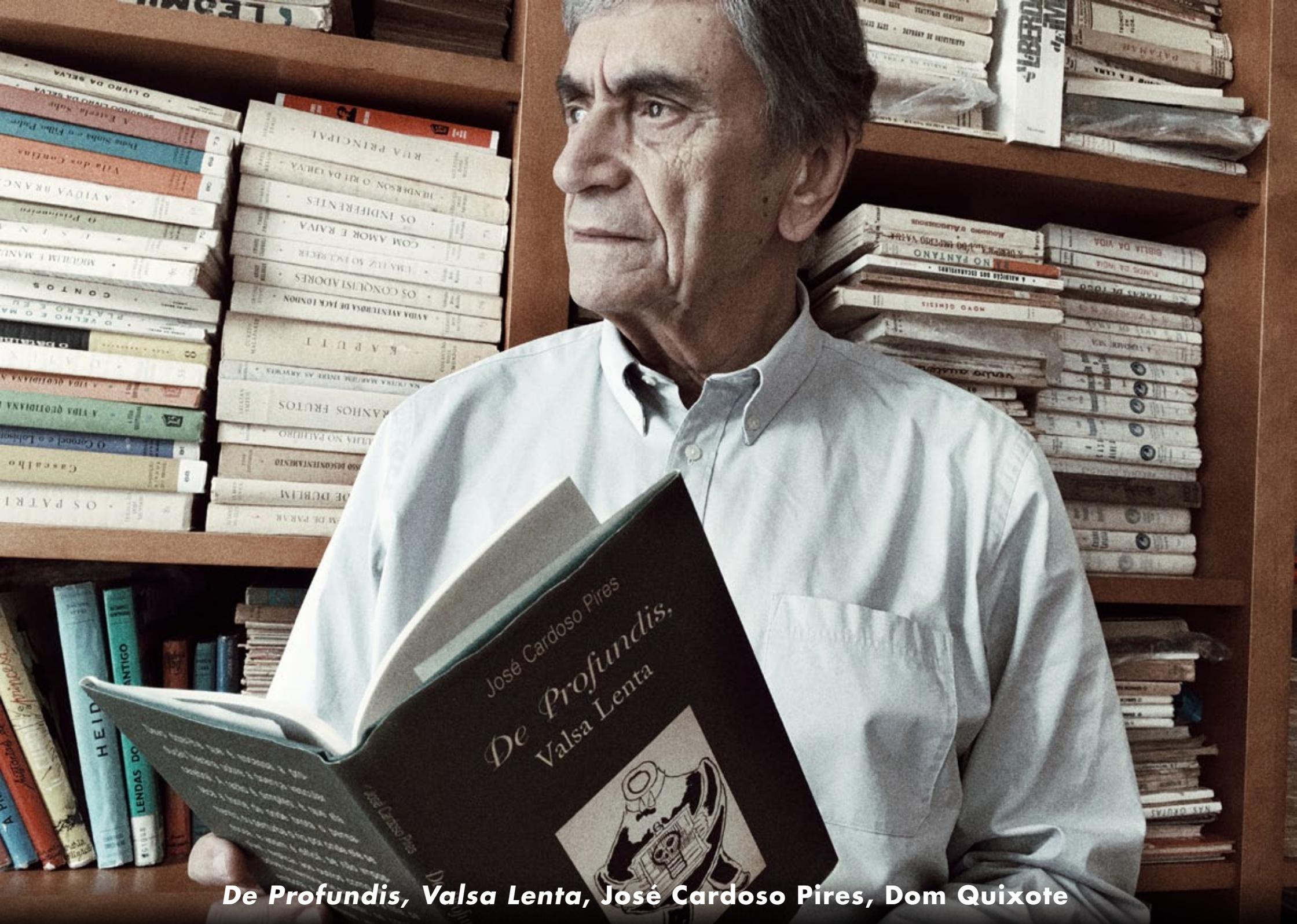
**Camilo Broca, Mário Cláudio, Dom Quixote**



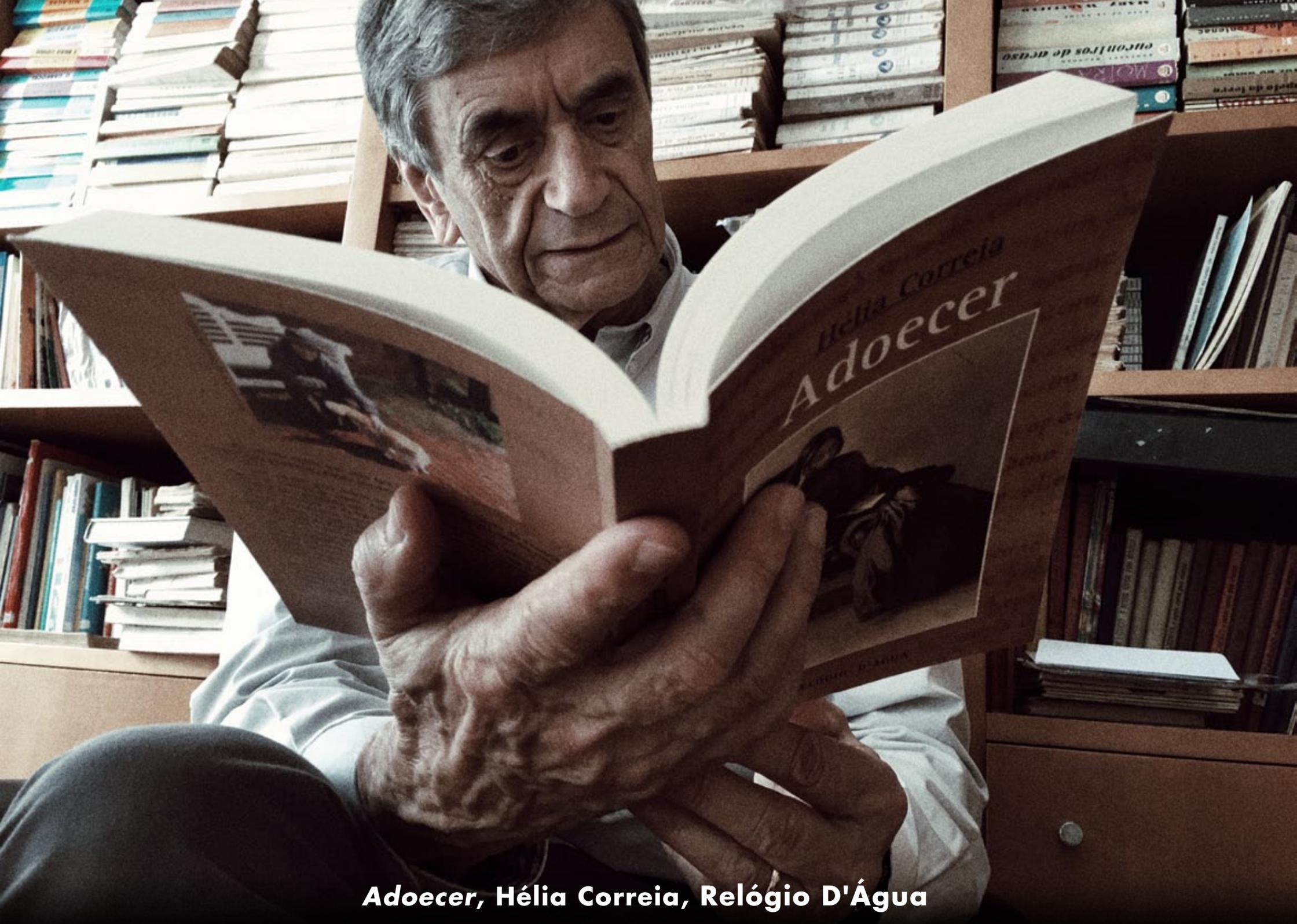
**O Impostor, Javier Cercas, Assírio & Alvim**



**Ensaio Sobre a Cegueira, José Saramago, Editorial Caminho**

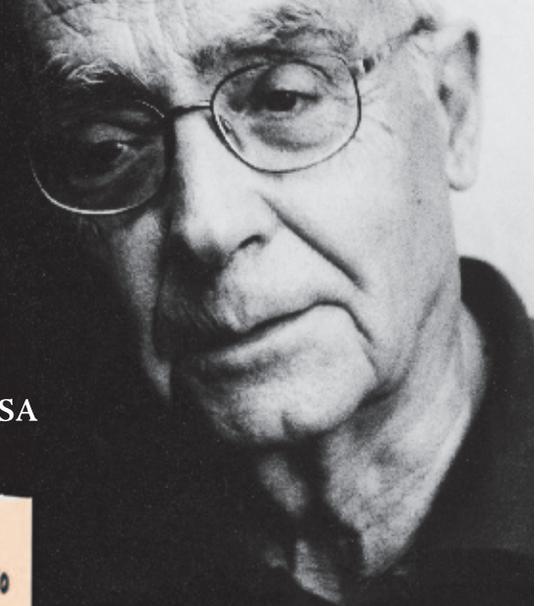


**De Profundis, Valsa Lenta, José Cardoso Pires, Dom Quixote**



**Adoecer, Hélia Correia, Relógio D'Água**

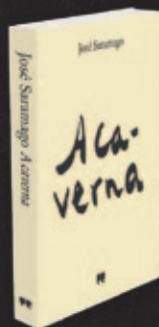
# JOSÉ SARAMAGO



CALIGRAFIA DE CADA CAPA POR PERSONALIDADES DA CULTURA PORTUGUESA



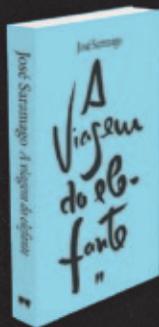
José Mattoso



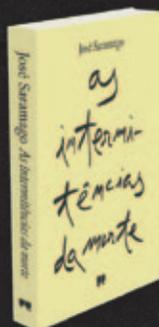
Eduardo Lourenço



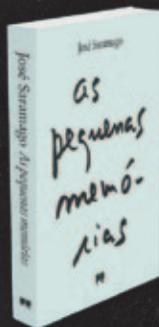
Armando  
Baptista-Bastos



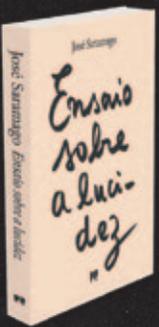
Mário de Carvalho



Valter Hugo  
Mãe



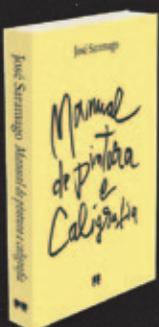
Gonçalo M.  
Tavares



Dulce Maria  
Cardoso



Álvaro Siza  
Vieira



Júlio Pomar



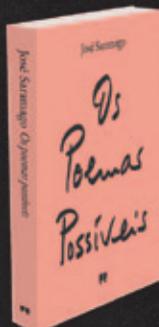
Lídia Jorge



Mia Couto



Maria do Céu  
Guerra



Almeida Faria



Nuno Júdice



GERADOR

*a levar a cultura*  
**PORTUGUESA**  
**A TODO O**  
*lado*

O GERADOR É UMA PLATAFORMA  
DE ACCÃO E COMUNICAÇÃO  
PARA A CULTURA PORTUGUESA.

DESCOBRÉ-NOS EM GERADOR.EU

MARINHA

ANDREIA  
BRITES

COLA

SANITI



A AGUDA  
CONSCIÊNCIA  
DA ESCRITA



É uma das escritoras brasileiras mais importantes da actualidade. Nascida na Eritreia, em 1937, Marina viveu a sua infância na África colonizada e depois em Itália, país natal da família, durante a Segunda Guerra Mundial. Chega ao Rio de Janeiro em 1948 e nunca mais parte. O conto é a estrutura de excelência da sua escrita, embora o seu primeiro livro, *Eu sozinha em 1968*, seja de crónicas. A sua atividade jornalística sobrepôs-se à formação em artes plásticas mas nunca abandonou a pintura, ilustrando algumas das suas obras. A literatura infantil chegou por pedido. Era suposto escrever um conto e nasceu o seu primeiro conto de fadas, em 1979, *Uma ideia toda azul*, logo distinguido com o Prémio FNLIJ. Em 1993 foi a vez de *Entre a Espada e a Rosa* e logo no ano seguinte *Ana Z aonde vai você?*, que mereceram não apenas o prémio FNLIJ como o Jabuti. Com 78 anos, Marina Colasanti continua a viajar frequentemente para participar em encontros literários. Esteve em Portugal em 2012 e contou, numa noite estival, vários contos de fadas no Jardim Público de Beja, a convite das Palavras Andarilhas. Este ano regressou para participar no II Encontro de Literatura Infanto-Juvenil da Lusofonia, no Estoril. Foi lá que a *Blimunda* conversou com a autora. Muito afável, sorriu sempre. Diz que o faz com consciência, quando acompanhada. Sozinha, sorri pouco.

### **Se tivesse de destacar o mais importante da sua biografia, o que seria?**

Ter nascido em África de uma família não africana, facto que estabeleceu uma estranheza na minha vida, uma sensação de que sempre sou o outro. Isso é muito útil porque no mundo somos sempre o outro, então sinto-me muito bem quando viajo. É uma situação confortável.

### **É uma estranheza boa?**

Não sei se é boa porque não sei o que é não ser estranho, mas é útil.

### **Escreveu recentemente *A minha guerra alheia*, uma biografia que retrata a sua experiência na II Guerra Mundial. O que a levou a escrever esta biografia?**

Comecei a pensar no livro quando estava com o meu marido, Afonso Romano de Sant'ana, em Belaggio, no lago de Como. Este lugar foi muito importante porque estive lá nos dois últimos anos da guerra. Já tinha seis anos. Foi ali que ingressei na literatura universal. Por isso foi muito importante, foi quando tomei conhecimento da vida.

Foi nesse lugar que pensei em escrever o livro, ideia que depois abandonei porque pensava que precisaria de fazer muita pesquisa, pedir uma bolsa para regressar à região, coisa que não aconteceu. Mas aconteceu uma outra coisa. Houve uma explosão num clube em Bogotá e lá morreu uma menina de quatro anos que tinha sido aluna da Yolanda Reyes, minha grande amiga. A Yolanda trocou umas cartas com La Purga, uma terceira amiga nossa, que era a dona da escola

onde a menina agora estudava. A carta de La Purga pedia a Yolanda bibliografia que ajudasse as outras crianças a entender que a colega não ia voltar. Essas cartas mexeram muito com o meu coração e pensei que há crianças no mundo inteiro envolvidas em processos de guerra, declarados ou não. Então ia escrever esse livro para relatar, do meu ponto de vista, como vive uma criança numa guerra.

### **Foi difícil fazer o exercício de reencontrar a Marina criança?**

Surpreendentemente não foi. Houve uma parte grande de pesquisa, porque naquela idade não sabia os factos da guerra e eu queria fazer um livro mais abrangente. O livro não é para crianças, é sobre ser criança. Mas no que diz respeito às lembranças, surpreendeu-me muito, porque eram muito claras. Nunca mais olhei para crianças de até dez anos como olhava. Olho para elas e penso: "Vocês não me enganam, vocês sabem tudo!"

### **Essa experiência da guerra contribuiu para uma perda de inocência?**

Não sei o que é a inocência. Tinha um desconhecimento das coisas sexuais porque naquela época não se via na televisão nem os adultos falavam disso com as crianças mas a sensibilidade é tão aguçada nessa idade... Não acredito na inocência. Acredito na ignorância, no desconhecimento, no ocultamento. Os adultos ocultam coisas às crianças. Acho que a inocência infantil é uma lenda criada pelos adultos.

### **A Marina nasce na Etiópia colonizada.**

O meu pai tinha participado nas guerras de colonização, por isso fomos para lá. Ele gostava de guerras. Depois quis estabelecer-se lá e pediu transferência de Itália para África.

### **Nasce num país colonizado, a Etiópia, muda para outro país colonizado, a Líbia, assiste à II Guerra Mundial em Itália e muitos anos depois vive a ditadura no Brasil. O que aprendeu sobre a condição humana e o poder?**

Vivi essas duas ditaduras de forma oposta. O meu pai era fascista, então a ditadura não me era apresentada como feroz. Da mesma maneira que hoje tenho um olhar sobre o colonialismo completamente diferente do olhar que me foi transmitido por colonizadores. Quando vivi a ditadura no Brasil estava do outro lado. A experiência é diametralmente oposta. Porém ficou-me uma desconfiança eterna por todos os extremos, qualquer pessoa que me diga que é de extrema-direita ou de extrema-esquerda eu ponho no mesmo saco. Da mesma maneira as questões religiosas, o patriotismo, as bandeiras ao vento, os hinos com a mão no coração, acho horrível porque sei onde leva. É muito bonitinho amar o seu próprio país até você atravessar a fronteira e matar todos os vizinhos.

### **Como lidou com uma herança ideológica que a certa altura descobre que não é aquilo que lhe tinha sido apresentado?**

---



***Eu não quero divertir  
crianças. Não é o  
meu papel. Quero  
conversar com  
crianças. Quando  
escrevo para  
crianças eu converso  
com as crianças  
mas não me ponho  
no lugar delas.  
Sou uma adulta  
a conversar com  
crianças. Aquela  
conversa que é a  
criança em mim não  
me serve.***

## MARINA COLASANTI

---

Talvez tenha sido útil aprender cedo que as verdades não são verdades, que podem sempre ser alteradas, ter outro lado. Mas não tenho um momento «Eureka!» em que tenha descoberto. Foi tudo muito progressivo, um somatório. Por exemplo, quando cheguei ao Brasil fiquei muito surpreendida porque nem sabia que o Brasil tinha estado na guerra. Eu estava no norte da Itália quando a guerra acabou e vi exércitos australianos, africanos, polacos, americanos, ingleses... Nunca vi um soldado brasileiro porque os brasileiros ficaram na região de Roma. Quando cheguei ao Brasil as outras crianças gozavam comigo e diziam que os italianos eram cobardes e os brasileiros eram heróis. Eu respondia que estava lá e nunca tinha visto nenhum brasileiro. Para uma criança isso é muito complicado. Sabia do sofrimento italiano nessa guerra, traído pelas lideranças, o rei fugiu, Mussolini idem... Era muito complicado na minha cabeça.

### **Como foi viver a ditadura militar no Brasil?**

Por sorte, já era jornalista e trabalhava com cultura e isso tornou as coisas um pouco menos ásperas. Em 1965 nasceu a minha primeira filha e isso tomou muito de mim. De uma certa maneira as pessoas habitam-se. A menos que se queira pegar em armas, e isso eu nunca faria, a gente adapta-se. Acompanhávamos os colegas que iam para a clandestinidade, a vizinha do meu apartamento cujos filhos foram presos e a quem os moradores do prédio deixaram de cumprimentar... Mas eu estava do lado certo, o que já é um pouco melhor...

### **É mais apaziguador...**

Sim. É melhor! Trabalhei durante muitos anos, comecei em 1963, numa revista feminina e escrevia muito sobre questões de género. Ninguém sabe mas a revista tinha de ir sempre a Brasília para ser censurada, textos, fotografias, legendas, tudo. A revista era muito nova e libertária e era por isso muito visada. Tive vários textos censurados.

### **Foi nessa altura que nasceu a sua aproximação à literatura infantil e o seu primeiro conto de fadas, que ia ser um reconto.**

É verdade. Ia ser um reconto e depois nunca fiz reconto na vida.

### **É aí que começa a trabalhar os contos de fadas que são um elemento central, identitário, na sua escrita. Como são as fadas hoje em dia?**

Hoje em dia trabalha-se muito os contos de fadas de duas maneiras: muito com a paródia e muito com a paráfrase. Não sei quantas versões parodísticas foram feitas de *Capuchinho Vermelho* ou de *Os três Porquinhos*, mas provavelmente milhares. Mas na verdade são narrativas de grande densidade. Não tenho conhecimento claro de autores que tenham feito uma obra consistente em contos de fadas autorais dentro do mesmo princípio de densidade conteudística. Existem autores que fazem um conto ou outro. Espanha tem alguns. Mas não é elegante falar dos contos dos outros.

### **Como é o seu processo de escrita?**

Considero-me uma pessoa muito organizada mentalmente. Quando trabalho na literatura para adultos tenho propósitos. Trabalho sempre com narrativa curta mas meus livros de contos são temáticos porque a minha intenção é desenvolver um tema através de pequenas narrativas que não são cacos. São elementos de um conjunto. É uma reflexão. É como se eu fizesse um ensaio sobre um tema. Faço muitas leituras e reflexões sobre o tema. Leio livros de sociologia, de história, de filosofia. Depois começo a produzir. É um sistema muito mental.

### **Que não acontece com os contos de fadas?**

Só faço projectos livro, não faço contos soltos. Quando faço contos de fadas não tenho nem quero ter nenhum propósito. A consciência tem que ir para Curaçau, férias da consciência, do superego! Tenho de ficar num estado quase semi-letárgico e ficar a ouvir o inconsciente. O que ele quer contar, que história ele me traz? Aí fico a acompanhar a história.

### **Já foi assim no primeiro livro, *Uma ideia toda azul*?**

Sim, sim. Então não tenho nenhum domínio sobre esses contos. Tenho na hora de escrever, sobre a forma. Não tenho domínio sobre o conteúdo, não quero fazer a interpretação dos símbolos, não quero fazer a interpretação dos contos. Poderia fazer porque fiz onze anos de psicanálise, sou muito bem equipada para fazer essas análises mas não quero, não é o meu papel.

### **Como chega a esse estado?**

É difícil. Mas começo a preparar-me, a fazer certas leituras...

### **E afasta-se do quotidiano?**

Não, isso é impossível. Mas escolho um período em que não viaje tanto. Se me surgir um tema, escrevo num papel e por cima coloco conto de fadas ou mini conto, e largo numa caixa. Depois há uma altura em que digo: "agora vou escrever contos de fadas." Aí tenho de mudar a embocadura, a minha atenção volta-se para outras coisas e tenho de alimentar a alma para ela entrar em efervescência nesse sentido.

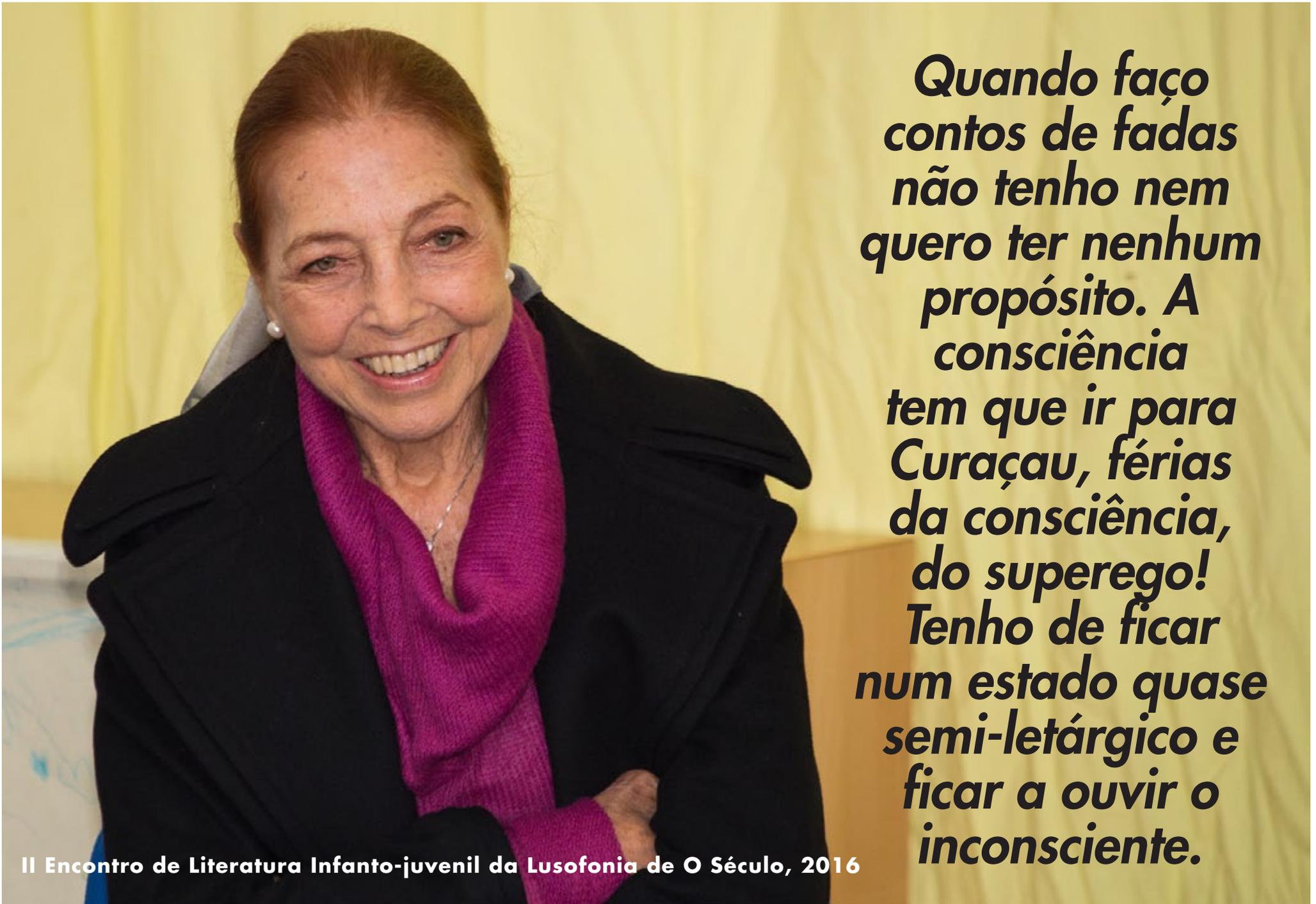
Recentemente juntei todos os meus contos de fadas num livro. São cento e dezassete, dos quais dezassete inéditos.

### **Quando viu o livro finalizado, com os cento e dezassete contos, releu-os?**

Sim.

### **O que sentiu?**

Os autores nunca dizem isso mas eu achei lindo. São trinta anos de trabalho e achei muito surpreendente. Para mim foi muito emocionante. Eu surpreendo-me e emocionano-me quase como quando os escrevi. É claro que tenho de relê-los porque também conto os meus contos, então



**Quando faço contos de fadas não tenho nem quero ter nenhum propósito. A consciência tem que ir para Curaçau, férias da consciência, do superego! Tenho de ficar num estado quase semi-letárgico e ficar a ouvir o inconsciente.**

**II Encontro de Literatura Infanto-juvenil da Lusofonia de O Século, 2016**

tenho de escolher e decorar. Quando for para a Alemanha, em seguida, vou ter de contar um conto num espectáculo com crianças, então tenho sempre de reler.

Agora, acho que tem alguma coisa muito emocionante nestes contos. Não deveria dizer isto. Deveria ser hipócrita e dizer que estou muito satisfeita, mas não é o meu perfil.

### **Para si faz sentido distinguir a escrita para adultos e para crianças?**

Sim, faz. Escrevo outros livros para crianças que não são contos de fadas. Eu não quero divertir crianças. Não é o meu papel. Quero conversar com crianças. Quando escrevo para crianças eu converso com as crianças mas não me ponho no lugar delas. Sou uma adulta a conversar com crianças. Aquela conversa que é a criança em mim não me serve. A criança que fui já foi... há muito tempo! Já não era criança quando era criança, imagine agora! Não é disso que se trata. Agora, eu levo a criança muito a sério, converso com ela em absoluta seriedade, o que não quer dizer que não queira vê-la sorrindo, não é isso. Mas é um reconhecimento, um respeito absoluto pela inteligência dela. Acho que ela entende tudo, que sabe tudo, que é muito curiosa.

### **E como é com os jovens?**

Com os jovens, por exemplo em *Penélope manda lembranças*, tive o prazer de mostrar como se faz, de mostrar que é uma ficção e ao mesmo tempo não interromper a 'suspension of disbelief'. Por exemplo dizer: "Nesta situação não precisamos ter janela. A luz entra e me basta. Não

precisamos ver a janela." Ou seja, estou a mostrar-lhes como estou a tecer a ficção. Ou então a personagem pega na revista que estava em cima de uma mesinha e eu digo "Ou você acha que eu te disse que havia revista na mesinha à toa?" Eu tive o prazer de mostrar ao jovem como se faz a cadeira e ele ainda se sentar. Não faria isso com adultos.

### **Porque não?**

Quando acabei o livro o Afonso leu e perguntou-me: "Porque é que estás a endereçar isso a jovens? Isso é um livro para adultos." E respondi: "Ah não, mas eu fiz uma coisa quase materna: mostrar como a coisa é feita."

### **E acha que um adulto não precisa ou que não vai apreciar o processo da mesma maneira?**

Eu não ia empenhar-me nisso porque serviria para uns e não serviria para outros. Mas para um jovem foi um prazer enorme, uma cumplicidade que criei com o leitor.

### **Qual é a diferença quando escreve para crianças e para jovens? Pensa nisso?**

Não. Não é que pense mas a história diz-me para quem quer ser escrita. O tema diz-me.

### **Como vê a literatura infantil e juvenil no Brasil, actualmente?**

---

○ Brasil tem ótimos autores. A qualidade gráfica melhorou muito. Quando comecei a ilustrar os meus próprios livros não podia usar cor, era tudo a preto e branco, agrafado... Isso melhorou muito. A venda melhorou muito. É claro que como no mundo inteiro se edita muita insignificância. Mas os bons autores têm um espaço muito grande para agir. Nada no Brasil é muito continuado. Fazem-se programas que depois são interrompidos, inventam-se outros. Este ano o Ministério da Educação decidiu, por causa da crise, que não vai comprar livros. Isso é um problema. O Ministério compra muitos livros infantojuvenis de literatura para distribuição nas bibliotecas escolares, nas salas de leitura... Este ano não vai comprar nada.

### **Em que medida é um problema grave?**

○ Brasil tem o problema da distribuição porque é um país gigantesco. Em segundo lugar, a leitura é implantada na vida das pessoas sempre através da escola. Sabe-se que só as famílias de um certo poder aquisitivo, que são poucas, têm livros em casa e lêem. A maioria esmagadora da população não tem livros em casa, os pais não lêem. Então a tarefa acaba por ser da escola. Uma vez que os meninos recebem os livros da escola, não estamos a formar frequentadores de livrarias.

Então se o Ministério diz que não vai comprar livros, durante um ano as crianças vão viver com os livros do ano passado. E os editores vão ter um buraco sem medida porque vão viver da escola particular que é uma minoria. Claro que os livros vendidos ao governo são quase a preço

de custo, mas a escala sustenta as editoras. Então temos um problema. Mas o Brasil tem sempre problemas, estamos habituados.

### **Mas a situação da leitura pública está melhor?**

Temos a impressão que sim. Estamos metidos nisso há muitos anos. Para Afonso, como professor e director da Biblioteca Nacional, a questão da leitura esteve sempre muito presente. Não sei se avançamos enquanto avançamos. Não sei se avançamos porque aumentou a população ou se avançamos na questão da maior adopção pessoal. Não tenho certeza nenhuma a respeito disso. Vejo os jovens muito interessados nas redes sociais, no lucro pessoal e colectivo que se pode alcançar através das redes sociais, ou seja, a imagem, e em pertencer. Há pouco alguém falava de solidão; os jovens desconhecem isso. A roda de fogueira dos jovens é o telemóvel e o facebook. Não sei como a leitura de livros se vai encaixar com isso. Mesmo as revistas são muito fragmentadas. Então a leitura de textos longos torna-se estranha a este modo de vida. Claro que Shakespeare está em domínio público mas que capacidade existe para ler Shakespeare?

# AND THE WINNER IS...

## PREMIO NACIONAL AL FOMENTO DE LA LECTURA 2016

O blogue Ana Tarambana, de Ana Garralón e a associação de livrarias "La conspiración de la pólvora", que integra uma livraria de Salamanca, outra de Cáceres e uma terceira de Segóvia são as vencedoras deste prémio honorífico (sem dotação monetária) atribuído anualmente pelo Ministerio de Educación, Cultura y Deporte espanhol para destacar o trabalho de promoção da leitura realizado por entidades independentes.

**Premio Nacional de Fomento a la lectura 2016**

**ana tarambana** literatura infantil

viernes, 20 de mayo de 2016

### Pequeños rebeldes (o sobre la dulce literatura para niños actual)

En la actualidad la mayoría de los libros para niños parece haber salido de una pastelería: lucen bonitos, están bien hechos... y son excesivamente dulces. En las raras ocasiones en que sus personajes son niños -y no animales o adultos- se trata de niños buenos, que ayudan a los mayores, que confirman la validez de determinados valores y que hasta dan la impresión de saber más del mundo que los propios adultos. Esos mismos adultos que insisten en que los pequeños crezcan con estas lecturas. En el extremo opuesto, pienso en lo mucho que a los pequeños lectores les gustan los personajes que son niños malos. No es difícil adivinar por qué se abre una brecha entre el exitoso (y despreciado por los adultos) *Diario de Greg* y los libros buenos y bonitos que los mediadores se empeñan en que los pequeños lean: Greg dice las cosas que piensa sin importarle la opinión de los demás.

[Leer más >>](#)

Tarambana por el blog:

- Quando los "grandes" como Vargas Llosa, Pérez-Reverte, ...
- 8 ideas equivocadas sobre lo que es escribir para niños
- Leer no sirve para nada
- Lo que pasa cuando los niños leen los libros ...
- Libros de historia para niños: la memoria y el futuro

¡Volvemos a abrir la escuela! Me encantan los cursos de tu escuela, el sistema y la modalidad -Carolina. En esta ocasión repetimos ...

¡No te pierdas ni una! Suscríbete aquí

Nos han visitado: 683,861



ANDREIA BRITES

VISITA GUIADA



## O gabinete de Carla Pinheiro é o mais requisitado por todas as crianças

que visitam a Leya. Entre os filhos dos colegas de trabalho, a editora e a sua sala de trabalho são as mais populares. Basta acercarmo-nos da parede de vidro para percebermos porquê. Para além dos posters e figuras coladas, conseguimos alcançar bonecos que pendem do teto, expositores, e todo o tipo de livros da marca Disney, que a D. Quixote representa em Portugal. *Minimos, Aviões, Princesa Sofia, Doutora Brinquedos, Ana, Elsa e Olaf, Nemo*, são alguns dos que identificamos imediatamente.

Entrar na sala significa entrar numa antecâmara da fantasia e a editora veste-lhe a pele, por vezes literalmente. Gosta do que faz e explica-nos todo o processo do licenciamento, muito mais complexo do que parece à primeira vista. Há várias opções para editar os livros que recontam histórias de filmes ou episódios de séries de animação. Uma delas é a mais comum, a tradicional coedição que implica a aceitação de um formato internacional, alterando apenas a língua em que o texto está redigido assim como todas as informações paratextuais. Neste caso, compra-se o produto já finalizado e partilham-se os custos de impressão com editoras de outros países. Outra opção, que se aplica aos livros dos filmes, implica a disponibilização de um pacote de imagens e textos em troca de um valor que é pago à marca. Com essa espécie de guia Carla Pinheiro pode criar os livros que quiser, com o formato que quiser, de acordo com o público que tem em mente, desde livros para o banho a mini-livros de cartão grosso a livros em que o leitor reconta a história através de personagens móveis que se aplicam nas páginas. Aqui, o importante é conseguir criar o puzzle perfeito a partir do catálogo disponibilizado, desde a imagem para a capa ao texto para cada momento narrativo. Quando tudo está planificado, cabe sempre à Disney a última palavra.

À medida que conversamos, a editora passeia na sala à procura de exemplos para o que nos explica. Dory é a novidade do verão e a D. Quixote vai lançar dois livros que já estão prontos para serem distribuídos na altura

## VISITA GUIADA: D. QUIXOTE

em que o filme estreiar. Carla conta-nos então como escolheu as quarenta imagens e os textos e que, quando começou a montar os dois livros, o gabinete estava coberto de folhas que ia conjugando até chegar às sequências que agora folheamos. Ainda há uma terceira opção: a de fazer livros com um conjunto de imagens Disney. Estas imagens são a base para um formato que a editora descobriu e quis aplicar: livros com ímanes que o leitor coloca nas páginas criando a sua própria narrativa com personagens conhecidas.

Num dos armários que ladeiam a secretária, Carla Pinheiro reencontra outros livros cuja produção está agora em *stand by*. Apesar da dedicação à edição de livros da Disney, Carla gostaria de continuar outros projetos com autores portugueses, como a coleção «O Meu Primeiro...». O problema é o tempo que o licenciamento toma para que se cumpram todas as exigências regulamentadas pelo gigante internacional. A exceção é Mafalda Moutinho de quem a D. Quixote continua a editar «Os Primos» e tem direito a exposição na bancada que percorre toda a parede do fundo do gabinete.

Na verdade, o gabinete da editora infantojuvenil da D. Quixote não se limita a albergar a fantasia Disney. As portas dos armários espelham um mapa pessoal que a editora mantém por perto: poemas de autores que visita e revisita, postais de amigos, desenhos de crianças próximas, uma fotografia de um bolo de anos, o seu, com os personagens Fineas e Ferb, oferecido pelos colegas e outra sua, mascarada numa reunião. Perante o nosso espanto, Carla vai buscar um fato de Angry Bird para nos mostrar e conta-nos que se trajou a rigor para apresentar os livros destes famosos pássaros irritados aos comerciais que os iriam posteriormente vender às livrarias.

Vestir a camisola aplica-se literalmente. Neste caso, a camisola não é nada monótona e confunde-se com o entusiasmo de quem a veste. À despedida, entre risos, Carla Pinheiro confessa que é uma pessoa de sorte porque faz exatamente aquilo que a faz feliz.











"Não andamos à procura  
do amor da nossa vida.  
À procura, não.  
À espera que aconteça, sim."

José





PIAAR

Almira Soares Maria José Leitão

Escrever  
se e Outros Textos

representar corretamente

Ana Rocha

Spanish made simple

Prontuário Ortográfico

Español fácil

GUIA PRÁTICO DOS VERBOS PORTUGUESES

Dicionário de verbos

Gramática

SPACE RANGER LIGHTYEAR

Toda  
diversa  
no Sol e  
fazem a  
para a gran  
para partir. A  
Não percas est





• Featuring all c  
Disney/Pixa

### May

S	M	T	W	T	F	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

2016

OI, CARLA MARIA!  
UM ABRAÇO!

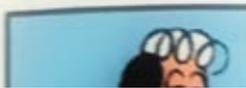
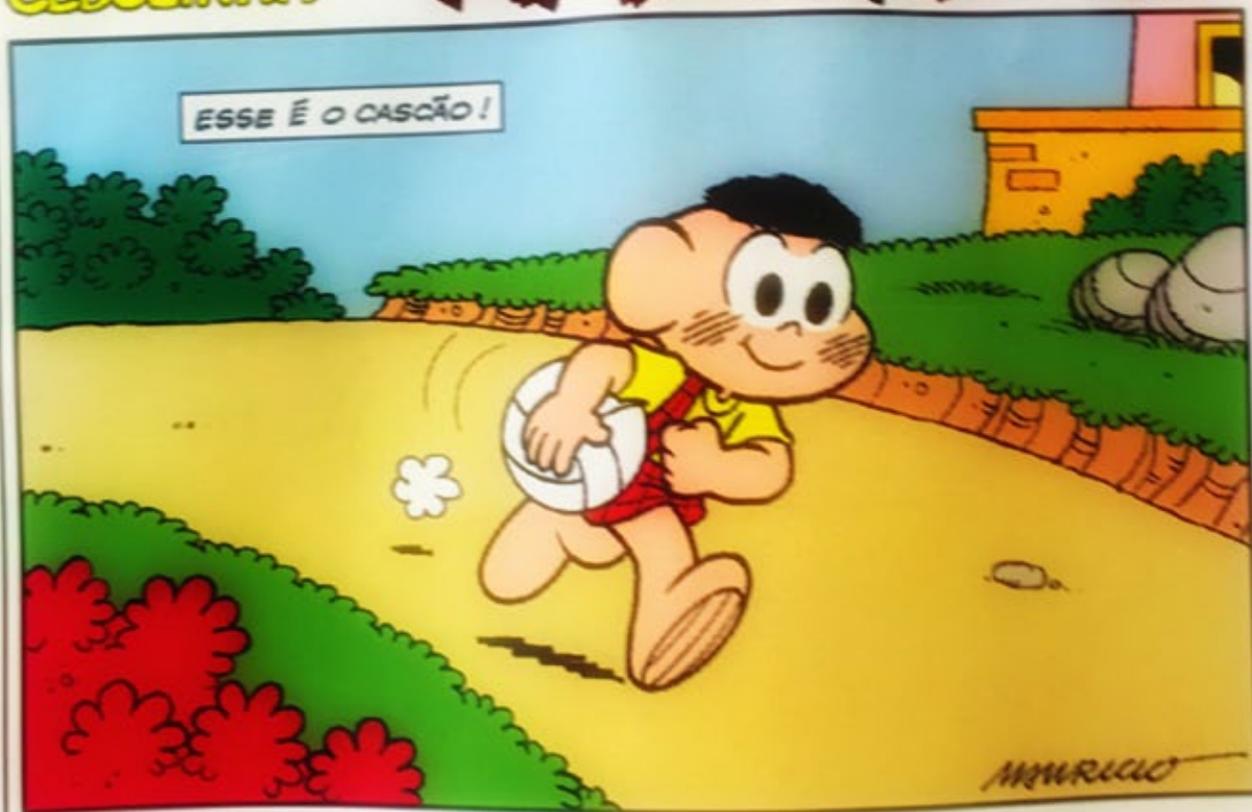


Maria  
13  
LISBOA





CASCÃO & CEBOLINHA EM **AMIZADE**



DESDE QUE ERAM PEQUENININHOS!



AMIGOS SABEM QUANDO SERÃO AMIGOS!



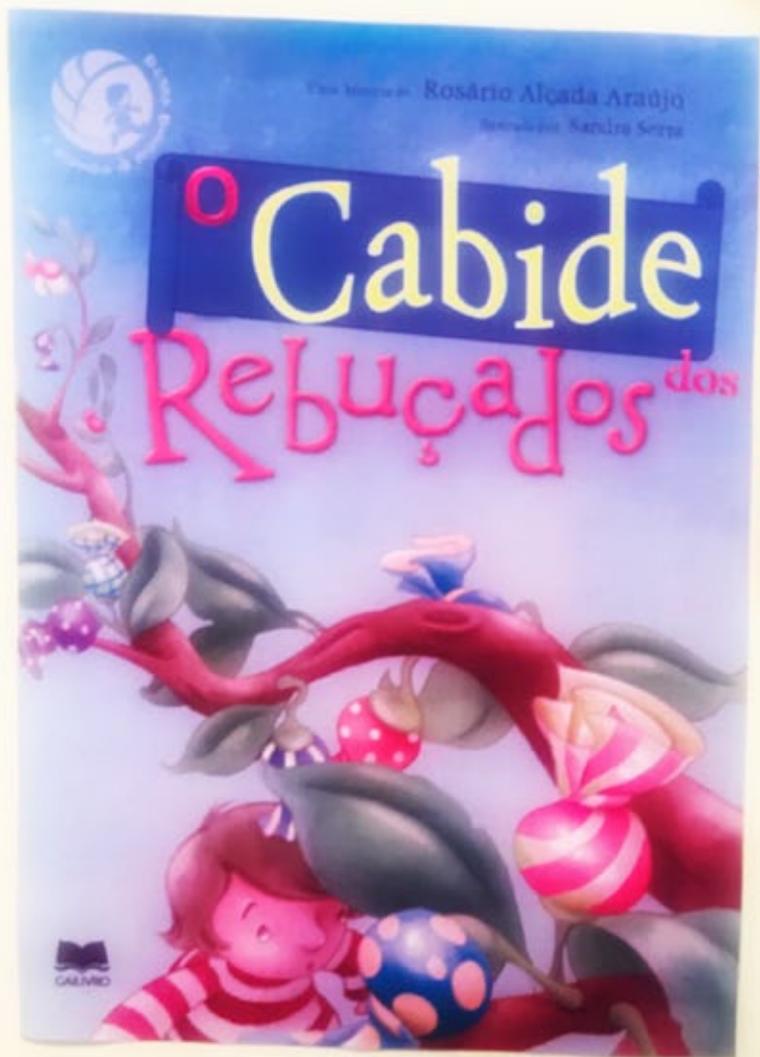
erto  
uma,

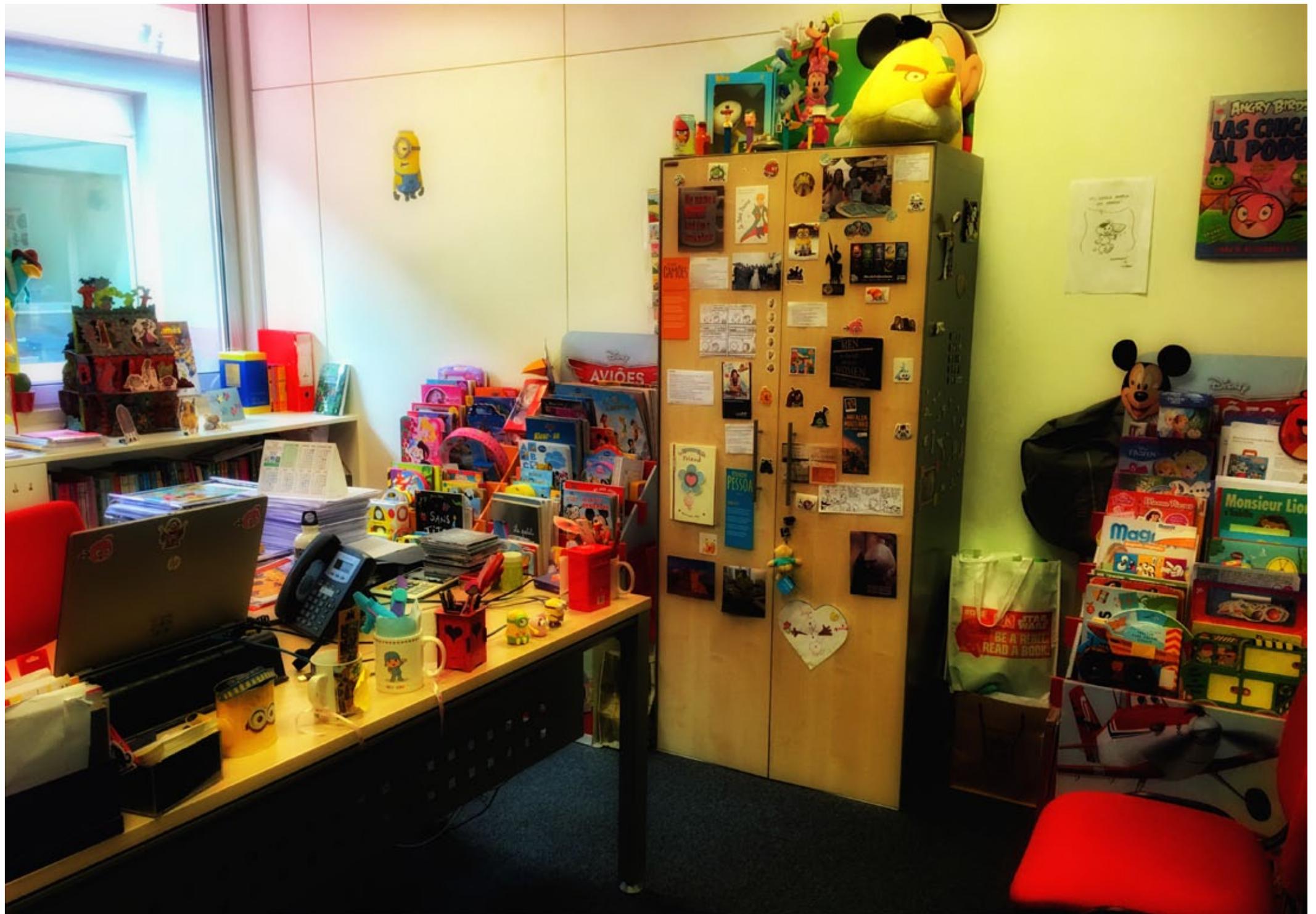
ie  
lo

eu gemo,  
me,









Passadas oito décadas desde a sua edição original, a Kalandraka publica pela primeira vez em Portugal um clássico da literatura infantil. *A História de Ferdinando* tornou-se um *bestseller* internacional e mantém um sentido universal quase um século depois.

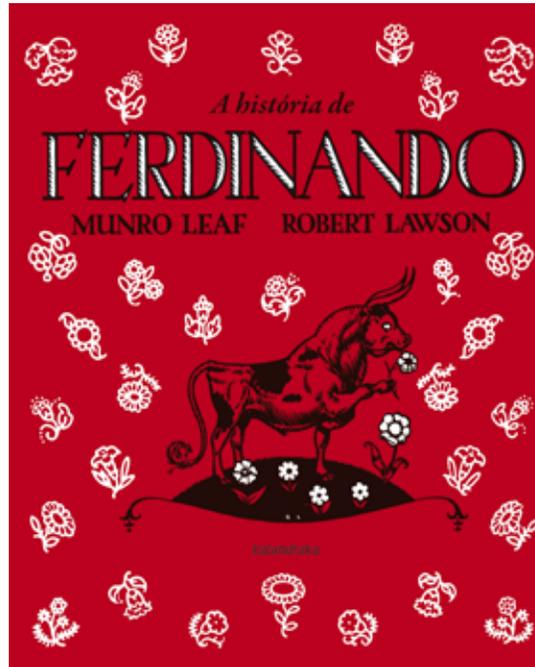
Apesar de ser escrita e ilustrada por dois autores americanos, a narrativa tem como protagonista um touro que vive algures em Espanha, como é logo anunciado na primeira frase. Não é muito comum tal rigor geográfico, muito menos a abrir um texto infantil. Por não ser um lugar exótico ou fantástico, não se espera que o leitor final sinta qualquer apelo em relação ao país em causa.

Por outro lado, a frase inaugural não rompe com a estrutura tradicional: «Era uma vez, em Espanha...» A fórmula «era uma vez» assume a responsabilidade de captar a atenção do leitor e de orientar uma expectativa no sentido universalizante dos contos de fadas e afins.

Pois este touro, que vive em Espanha, é desde a infância um touro diferente, que aprecia a natureza e se deleita a cheirar as flores e observar os campos. Os outros, por seu turno, denotam desde cedo uma espécie de agitação violenta, que se revelará essencial para que desempenhem bem a sua função final na arena da praça de touros.

A certa altura, o acaso que transforma os anónimos em heróis leva a que Ferdinando, já crescido, se evidencie perante um grupo de homens que procura um touro para uma tourada em

## ***A História de Ferdinando*** **Munro Leaf, Robert Lawson** **Kalandraka**



Madrid. O que acontece em seguida é um elogio da ingenuidade e da paz, respeitando sempre a cadência lenta da personagem e dizendo apenas o essencial.

Toda a estrutura discursiva assenta numa lógica sequencial simples, em que cada momento se associa à sua ilustração. Não há qualquer sugestão simbólica ou metafórica. Ao invés, a ilustração revela cada passo da narrativa, cor-

respondendo inteiramente ao texto que acompanha cada imagem. Assim, por exemplo, quando a mãe se preocupa com o comportamento do filho, o assunto é tratado em três páginas de texto com três ilustrações: a mãe, retratada de costas, observa com apreensão o filho no alto da colina, junto ao seu sobreiro favorito; o diálogo entre os dois com os dois focinhos em destaque; finalmente a vaca descendo a colina, de semblante descontraído, apaziguada pelas palavras do pequeno touro.

A ausência de sugestões, elipses, conotações ou descrições mais longas torna o livro absolutamente linear, tanto quanto a personagem. Essa linearidade, que o traço detalhado a preto e branco reforça no seu estilo figurativo mais clássico, converge para um elogio da ingenuidade contra o mal do mundo. Assim acontece no final, quando ninguém sabe responder nem consegue alterar o comportamento de Ferdinando. Não há, na sua personalidade, um sentido de oposição perante os outros e sim uma diferença. Não havendo oposição não há qualquer hipótese de diálogo, de um vencer o outro, há um vazio intransponível, não há qualquer possibilidade de comunicação. A história de Ferdinando apresenta ao leitor uma mudança de paradigma ou, até, uma revolução.

Pacifista e crítica, a obra nasce quando rebenta a guerra civil espanhola. Não é à toa que Espanha é a geografia escolhida. Pode então uma personagem ingénuo ser a mais perigosa subversiva?

Mas não era o caso de Ferdinando,  
que continuava a gostar  
de estar sossegado debaixo do sobreiro,  
a cheirar as flores.



## Vamos Comprar Um Poeta Afonso Cruz Caminho

Desde *Os Livros Que Devoraram o Meu Pai* que Afonso Cruz não escrevia uma narrativa juvenil *tout court*. Os textos mais aforísticos denotavam um pensamento metonímico pleno de referências e lógicas surpreendentes mas deixavam em suspenso ideias, teses, situações, constatações, possibilidades. Os aforismos de *A Contradição Humana* ou *O Livro do Ano*, por exemplo, desconcertam ao romper fronteiras entre o que se assume que é o real e tantas outras formas passíveis de serem reais. Tudo depende, em suma, da construção do discurso, da narrativa subjetiva com que cada um organiza o mundo.

Em *Vamos Comprar Um Poeta*, o escritor põe todas estas estratégias ao serviço da narrativa. O ponto de partida, que não se anuncia, é o de uma comunidade cujo pensamento e práxis depende de lógicas numéricas em função de um princípio magno: o utilitarismo. Tudo é mensurável, até os valores morais. A escala representa, por seu turno, o referente para todas as argumentações, leis e escolhas.

Mas Afonso Cruz não deixa o cenário abandonado a esta potencial distopia sem lhe dar um sentido de humanidade ou correria o risco de não ver cumprido um pacto de verosimilhança essencial para a progressão da ação. A família que vive o epicentro de uma revolução, e à qual pertence a narradora, tem um quotidiano, enfurece-se, espanta-se, tem valores, hábitos e conflitos como



qualquer família com pai, mãe e dois filhos, uma rapariga e um rapaz. A estranheza é por isso relativa e a crítica funciona de imediato. Eles poderemos ser nós um dia. Falta à família apenas um animal de estimação. E aqui tudo começa a adensar-se: a narradora pede aos pais para lhe comprem um poeta. A objectificação de uma pessoa, que é avaliada em função da sujidade que provoca ou dos custos que

vai provocar, sem que nunca lhe seja reconhecida uma réstia de humanidade por parte de todos, desloca a ligeira distopia para um universo kafkiano.

Pouco se sabe do poeta, até porque inicialmente ninguém o percebe. Mas o efeito das suas palavras inúteis atinge todos os elementos familiares, de formas distintas. E a revolução acontece, a revolução de comportamento, a rutura, tanto quanto a negação e a indiferença. A inutilidade do poeta salva a família, mas não o faz sem dor, a dor provocada pelo acesso à dimensão onírica e artística da vida.

A palavra é o cerne de toda a narrativa. O posfácio é disso exemplo quando elenca argumentos a favor da arte. Já os referentes poéticos que o autor enumera no final do livro contribuem para o sentido mais profundo do texto: é na linguagem e pela linguagem que vivemos. O poder do discurso é o poder da comunicação, da organização. Mas é igualmente o poder que cresce fora da estrutura do poder; há sempre uma liberdade a romper essa estrutura, nos limites do discurso que se reconhece. O poder do poeta é o poder do novo, o que se perdeu e do qual parece não haver memória. Este poeta traz consigo uma história de novas palavras, criadas e recriadas nesses limites ao longo do tempo, e esquecidas, apagadas pela comunicação mensurável.



# SOMOS BIBLIOTECAS PÚBLICAS. MUNICIPAIS. DE TODOS.

CAMPANHA DE PROMOÇÃO DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS

[www.somosbibliotecas.pt](http://www.somosbibliotecas.pt)



[facebook.com/somosbibliotecas](https://facebook.com/somosbibliotecas)



[twitter.com/somosbiblio](https://twitter.com/somosbiblio)



associação portuguesa de  
bibliotecários, arquivistas e documentalistas

**saramaguiana**

SOU UM  
GRITO DE  
DOR E  
INDIGNAÇÃO

*PILAR DEL RÍO ENTREVISTA JOSÉ SARAMAGO*

**N**o dia em que completou 78 anos apareceu em todos os países em língua portuguesa *A Caverna*, o último romance, até agora, de José Saramago – o primeiro que publica depois da atribuição do Prémio Nobel de Literatura. Essa noite, em Lisboa, jantando com amigos de toda a vida, exalava o antigo orgulho do camponês que olha a sua colheita e a vê crescer alegre e solta. Mas em nenhum momento baixou a guarda: do seu avô Jerónimo, o homem mais Sábio que conheceu, como afirmou no discurso diante da Academia sueca, aprendeu que é necessário mimar a terra, que as plantas e os homens exigem cuidados e atenções, que viver em harmonia com o mundo criado é a maior aspiração e o esforço quotidiano mais admirável. A partir dessa posição vai Saramago escrevendo os seus livros, falando com os seus leitores, intervindo aqui e ali e construindo sua vida. Levantada do chão.

A entrevista realizou-se em Lanzarote, no último Natal do século XX. O escritor é entrevistado pela jornalista, sem ter em conta a relação afetiva; por isso se tratam por você. Na casa há um ir e vir de família e de idiomas, de pessoas e de cães, de cumprimentos. A campainha da porta compete com os telefones para ver quem toca mais. No escritório, onde se chega através de uma escada estreita, Saramago consegue isolar-se da confusão e aproveita as duas semanas que medeiam o périplo de apresentações da edição portuguesa em Portugal, Angola, Moçambique e Brasil, e o lançamento em Espanha e América Latina, para escrever cartas, responder a entrevistas e descansar. É incrível, mas consegue.

**Como se sente depois de ter apresentado o livro em capitais e aldeias de três continentes?**

Muito cansado. Foram 45 dias de viagens, conferências, entrevistas, apertos de mãos, abraços, tudo muito agradável e gratificante, mas à custa de um esforço físico e psíquico arrasador.

**Em todo caso, é preciso boa saúde para aguentar o ritmo que leva.**

Até agora, a saúde tem sido um muro sem brechas. Às vezes perguntam-me como consigo aguentar e só tenho uma resposta: «Não sei».

**Falamos do seu novo livro, desta caverna onde parece que estamos instalados.**

Falamos. Mas não gostaria que as minhas ideias sobre o romance se impusessem às que o leitor terá por sua conta. Ser autor não significa ser autoridade e, muito menos, ser autoritário. Se as únicas ideias que um livro pudesse gerar fossem as que o próprio autor tem dele, esse livro seria bem pobre...

**Um parêntesis, antes de começar com o romance. Vive numa ilha, que parece que é o paradigma do melhor, é feliz, faz o trabalho que quer. Como lhe vem à cabeça a ideia de que todos estamos fechados numa caverna?**

A minha felicidade não é mais que uma pequena ilha no mundo, mas as janelas da minha casa estão abertas para esse mundo e não gosto do que vejo. Por isso escrevi o *Ensaio sobre a Cegueira*, *Todos os Nomes* e agora *A Caverna*, por isso toda a minha obra pode ser entendida como uma reflexão sobre o erro.

### **Sobre o erro?**

Sim, sobre o erro como verdade instalada e por isso suspeita, sobre o erro como deturpação intencional de factos, sobre o erro como ilusão dos sentidos e da mente, mas também sobre o erro como ponto necessário para chegar ao conhecimento.

### **E se levamos a caverna ou o erro na cabeça, e por isso nos custa tanto discernir o que se nos impõe como verdade oficial?**

Levamos tudo dentro da cabeça. Fora da nossa cabeça não sabemos o que há verdadeiramente. Cada ser vivo, desde o mais elementar ao mais complexo, percebe que algo o rodeia, mas essa percepção não é a mesma em todos. O simples olhar deu-nos no passado uma certa imagem do mundo, mas o microscópio demonstrou que essa imagem não era mais que uma aparência. Acrescente-se a isto as abstrações que inevitavelmente modificam as imagens mentais que vamos formando sobre o mundo, e diga-me se é possível ter apenas certezas sobre a real realidade do que nos é externo. Uma dessas abstrações é Deus. Depois de criar dentro da nossa cabeça uma ideia de Deus, acabamos, paradoxalmente, fazendo dele nosso criador, criador do próprio ser que o criou. Ou seja, criamos Deus e logo acreditamos que foi ele que nos criou... Também criamos essa outra abstracção a que chamamos diabo e acusamo-lo de ser culpado das nossas próprias maldades... Quer maior absurdo?

**Não, mas é um absurdo que serve para ir andando pela vida.**

A mim parece-me uma brincadeira de mau gosto. Não tem sentido que precisemos de nos enganar para vivermos.

**As personagens de *A Caverna* rebelam-se. É necessária rebeldia para sair da caverna?**

*A Caverna* é uma história de perdedores cuja única vitória consiste em que não se entregam ao triunfador. É a rebelião possível mas sem ela não poderá haver outra. A derrota definitiva seria a submissão, e ainda assim não devemos esquecer que as gerações se sucedem, mas não se repetem. Assim como de insubmissos podem nascer submissos, também dos que se submeteram poderão nascer os que se rebelarão.

**Neste romance introduzem-se dois elementos novos na sua obra: a família e a ternura. Crê que estes conceitos são importantes para que algo se modifique para melhor?**

Não tenho ilusões sobre a família como instituição. A família é lugar de crimes, traições e vilanias, tanto como qualquer outro grupo humano. Mas continuo a acreditar no poder regenerador da bondade pessoal e da ternura. A casualidade quis que em *A Caverna* se reunissem quatro pessoas boas e um cão não menos bom, ainda que a realidade, sabemos-lo por experiência, demasiadas vezes seja diferente.

**Há uns meses em Santander disse que «quanto mais velho mais sábio, quanto mais sábio, mais radical». Não foi só uma frase de efeito...**

Não me lembro se a frase dita em Santander era exactamente assim. Seja como for, parece-me que fica mais clara a ideia se digo que quanto mais velho me vejo, mais livre me sinto e mais radicalmente me expresso. Não se trata de uma frase de efeito, é uma verificação de todos os dias. As palavras que com mais frequência me digo são estas: «Não te permitas nunca seres menos do que és».

### **Sente-se velho com 78 anos?**

Por muitas voltas que se dê ao assunto, uma pessoa com 78 anos será sempre um velho porque está na idade que definimos como velhice. Não vale a pena estar com estúpidos eufemismos que no fundo não enganam ninguém, como esse da «terceira idade». Mas ser velho não é nem um estigma nem uma vergonha, e muito menos se o corpo e a mente continuam a funcionar de maneira satisfatória. Verdi escreveu o seu *Falstaff* aos 80 anos. Deveria pedir desculpas pelo facto de, sendo velho, ter escrito uma obra-prima?

### **É um homem vaidoso, sedutor?**

Gosto de me ver bem, nada mais. No que respeita às gravatas, por exemplo, sou implacável...

### **E um sedutor. Essa capacidade de sedução é natural ou é trabalhada?**

Não creio que seja um sedutor. Limito-me a mostrar-me aos outros exactamente como sou. Se com isso se sentem seduzidos, melhor para mim, porque não estive a enganar ninguém. Tenho debilidades e defeitos como







todo o mundo, mas tenho também uma qualidade essencial, a de respeitar o outro como pessoa que é. Talvez aí esteja o segredo.

**Você enamora homens e mulheres, pessoas em particular e auditórios inteiros. Essa capacidade de embelezamento tem de dever-se a algo mais do que o respeito pelo outro.**

Mas é basicamente isso. E simplicidade e sinceridade, e mão esquerda e mão direita, ambas oferecidas e abertas.

**Na sua idade, como fala do amor?**

Há umas quantas coisas que me mantêm de pé, uma delas é o amor.

**Haverá quem pense que se está a gabar, que o amor é coisa de jovens, que na sua idade só resta a resignação e tudo o mais é lembrança.**

A velhice de quem pensa assim começa aos 30 anos... Esses são os que se resignaram e cansaram aos primeiros passos. Começa-se com a impotência do sentimento e acaba-se na outra...

**Ainda que não acredite em Deus, você é crente. Apesar do seu alardeado pessimismo, acredita na vontade humana como factor de mudança. Não conheço ninguém mais tenaz nessa convicção.**

Acredito na vontade humana, sim, mas não deixo de exigir que sirva e defenda a vida, em vez de a ofender e humilhar.

### **E o que pode esperar da vida, se parece que já tem tudo?**

Que o que me resta de vida não seja indigno de como vivi até agora. Se tiver de perder algo, que seja só dinheiro.

### **Quando era pequeno e brincava sozinho nos canaviais de Azinhaga e no rio Almonda pensava na literatura? Sonhava em ser escritor?**

Quando brincava nos canaviais, brincava nos canaviais. Tive a sorte de não ser um menino-prodígio, os meninos-prodígio são como pequenos «monstros» insuportáveis... Em casa dos meus avós, camponeses pobres, ou em Lisboa, vivendo com os meus pais em casas alugadas, como ia pensar em literatura?

### **Mas algum sonho teria.**

Não tive sonhos nem ambições que valha a pena recordar, salvo, algumas vezes, imaginar-me como maquinista de comboios. Exaltava-me a ideia de ser responsável pelas vidas que transportava.

### **Esse sentimento de responsabilidade sobre outras pessoas, poderia ser uma expressão de liderança?**

Não sei. De psicologia, ou melhor, de interpretações psicanalíticas, não percebo nada. Para além disso, nunca gostei dos líderes. O maquinista leva o comboio para a estação e não espera aplausos.

**Quando era mecânico, ou depois funcionário administrativo e passava pelos cafés onde se reuniam os escritores portugueses, que sentia?**

Quando era mecânico o itinerário que me levava até à oficina não passava pelos cafés. E depois, quando me tornei funcionário administrativo, não tinha dinheiro para os frequentar. O meu reino não era daquele mundo...

**Quis aproximar-se deles alguma vez?**

Nunca fiz nenhuma tentativa para me aproximar. Quando um amigo me introduziu numa tertúlia, comecei por contentar-me com o papel de ouvinte. Tardei em dar sinal da minha presença. Mas aprendi muito a ouvir.

**Você é comunista e já o era antes da Revolução de Abril. Teve problemas com a censura de Salazar?**

Não como escritor, já que a minha actividade literária era incipiente então. Mas tive-os, e muitos, no período em que fui jornalista. Quase não havia um dia em que não tivesse de ir discutir com os «coronéis» do lápis azul... Eram uns pobres idiotas, às vezes nem se davam conta do que tinham diante do nariz. Houve uma revista que publicou uma série de artigos sobre o Marxismo, sem usar nunca esta palavra, e passaram. Nem sequer entenderam que o Carlos Marques de que falavam era Karl Marx...

**Falemos da sua participação na luta política de então.**

Não há muito a dizer. Cumpri as tarefas de que me encarregaram. Colaborei, sem dramatismos nem heroicidades, para enterrar um regime corrupto. Não creio ter defraudado os que confiavam em mim e na minha participação.

**Mas, sim, teve problemas quando o seu país já vivia em democracia. E por isso vive em Lanzarote.**

Sob pretexto de que o livro ofendia a crença católica, o governo «social-democrata» de Cavaco Silva proibiu que *O Evangelho segundo Jesus Cristo* concorresse, tal como havia decidido um júri independente, e sem intervenção da minha parte, ao Prémio Literário europeu. O meu protesto foi emigrar.

**Mas ao fim de alguns anos descobriu que também em Lanzarote existe o mesmo, que a ambição e o racismo fazem ninho em qualquer lugar.**

Numa manifestação racista em Las Palmas houve uma palavra de ordem miserável, como outras que eram ditas: «Saramago, vai-te daqui!». E em Lanzarote choveram insultos contra mim. Mas não lhes vou dar esse gosto. Quero esta terra como quero a minha aldeia natal e defendê-la-ei contra quem tente fazer dela um lugar de exclusão e exploração dos que vêm à procura de um prato de comida.

**Acredita que estamos liquidados, que se a história não acabou terão acabado os grandes movimentos libertadores, que três quartos da humanidade estão condenados à miséria?**

Nem a história chegou ao seu fim, nem acabaram as revoluções. O meu optimismo contenta-se com estas certezas. O resto são dúvidas. Como? Quando? Onde? Isso não sei, mas acontecerá.

**Vai a Chiapas, no México. Ou a Timor. Ou a Moçambique. Acaba de visitar os presos de La Tablada, esses jovens que assaltaram um quartel na Argentina acreditando que se preparava um golpe de estado, e que levam anos de prisão e mais de cem dias em greve de fome exigindo um julgamento justo. Conhece as feridas do mundo e no entanto continua inteiro.**

Aparentemente sim, estou inteiro. Mas quem me conhece bem sabe que sangro por dentro. Todos os dias, todas as horas. Sou, em carne e em espírito, um grito de dor e indignação. Se parece que há demasiada retórica no que acabo de dizer, recordo que a pior retórica é a dos actos, não a das palavras. E também recordo que os presos de La Tablada continuam em greve de fome e o Governo argentino não ouve as recomendações dos tribunais internacionais, que pedem que se repita o julgamento.

### **E o que fazer com o conflito basco?**

Enquanto a ETA não deixar de matar, a situação estará encalhada, não vejo saída. Deixar de matar é a condição essencial para que se possa iniciar o diálogo que conduza à paz, à solução do problema basco, que não é, precisamente, o da bandidagem. O gangsterismo é um terrível acrescento que tanto os bascos como o resto de Espanha queremos que acabe.

**Sei que cada dia lhe custa mais falar de literatura, que prefere falar, por exemplo, de direitos e de deveres humanos. Porque não escreve a Carta dos Deveres Humanos?**

Depois de milénios de civilizações e culturas, os deveres humanos encontram-se inscritos nas consciências, inclusive quando aparentamos ignorá-los ou desprezá-los. Não há que escrever uma Carta dos Deveres Humanos, há que apelar às consciências livres para que a manifestem e a assumam.

**Sabe que alguns o criticaram por ter estragado o banquete do Nobel falando do incumprimento universal dos Direitos Humanos?**

Poucas coisas na vida me deram tanta satisfação como ter estilhaçado o espelho lisonjeiro e tranquilizador em que muitas daquelas pessoas se contemplavam. Sabe quais foram as palavras da Rainha da Suécia quando regresssei ao meu lugar, à sua direita, depois do discurso? Foram estas: «Alguém tinha de dizê-lo.» E ela não foi certamente a única a pensá-lo.

**O que pensa que pesa mais, ter recebido o Nobel ou não o ter recebido e ansiar por ele?**

Passar a vida a pensar no Nobel deve ser uma doença. Por essa razão, para além de todas as outras, o melhor é recebê-lo...

**Dizem que o Nobel acarreta uma maldição e que muitos escritores não conseguem escrever depois de o receber. Você rompeu a maldição.**

Não fui o primeiro, nem serei o último. Pode ter acontecido, isso sim, que alguns escritores a quem foi concedido o Nobel não tenham voltado a publicar por considerarem que a sua obra já estava concluída. Dessa decisão são eles os juízes, e há que respeitá-la.

**A quem recomenda a leitura de *A Caverna*?**

A quem nela não queira entrar, a quem se sinta tentado a entrar, a quem já esteja dentro. Que não leia *A Caverna* quem considere que não está em nenhuma destas situações...

**Coloque um ponto final nesta entrevista.**

A nossa entrevista não acaba aqui, portanto, nem ponto, nem final.

*Entrevista publicada originalmente no dia 7 de janeiro de 2001 na revista El Semanal.*

saramaguiana

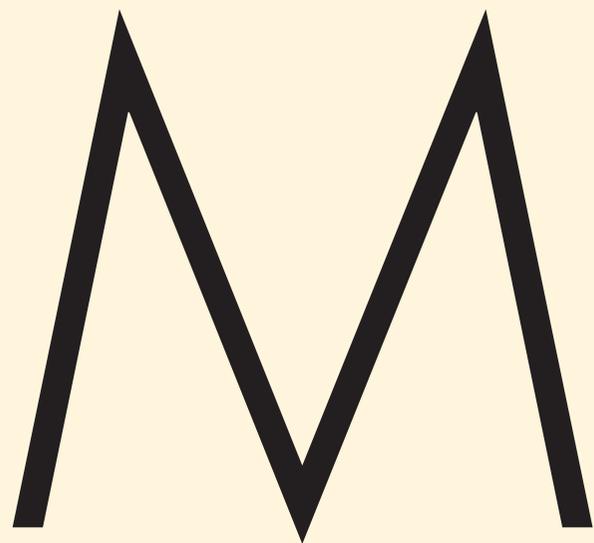
SARAMAGO  
EDITOR DE  
RAUL  
BRANDÃO?

VASCO ROSA

**R**aul Brandão morreu em Dezembro de 1930, e depois de um fogaço imediato com a publicação, no ano seguinte, de *O Pobre de Pedir* e de *Memórias III: O Vale de Josafat*, os seus livros foram desaparecendo de circulação. Só duas décadas e meia depois surgiram as primeiras tentativas de contratar o relançamento da sua obra com a sua viúva e herdeira, Maria Angelina Brandão, que então publicou em Coimbra (1957) um *in memoriam* do escritor. Assim sendo, é de admitir que José Saramago, nascido em Novembro de 1922, só terá podido ler Raul Brandão em gastos exemplares de alfarrabista ou saídos das estantes de amigos mais velhos ou de bibliotecas, mas viria a ter uma especial oportunidade de editar alguns dos seus livros, quando colaborou com os Estúdios Cor, nos idos 1960.

De facto, depois que o projecto de uma edição da obra completa em fascículos do *Jornal do Foro*, que havia sido iniciado em 1960-61 por Fernando Abranches Ferrão (1908-85) e Manuel Mendes, acabou suspenso após a prisão e exílio daquele prestigiado advogado de oposicionistas a Salazar, foram os Estúdios Cor que lançaram uma «luxuosa» edição d’*Os Pescadores*, ilustrada com boas fotografias e prefaciada por Mendes, que já havia escrito sobre o livro para o boletim informativo desta editorial, em Julho de 1957.

Documento conservado pela Sociedade Martins Sarmiento, de Guimarães, permite-nos verificar ter José Saramago proposto à herdeira de Raul Brandão, em Setembro de 1965, uma tiragem em formato comum desse mesmo livro, uma iniciativa plena de sentido e oportunidade, a qual, porém, não viria a concretizar-se.



aria Angelina havia cedido o arquivo literário de Raul a Manuel Mendes, com vista à edição duma obra completa fielmente estabelecida, e aguardaria com natural expectativa — a menos de dois anos do centenário de Raul Brandão — que o malogrado projecto do *Jornal do Foro* viesse a ser assumido por empresa editorial capaz de o levar avante. Joaquim Santos Simões, um destacado activista cultural e político residente em Guimarães desde Outubro de 1957, impulsor naquela cidade do Teatro de Ensaio Raul Brandão, em 1959, e da Livraria Raul Brandão, em 1961, pode bem ter aconselhado a viúva do escritor a esperar por uma solução integral para a reposição da bibliografia brandoniana em livros novos, que a proximidade da efeméride parecia prometer. Anos antes, Túlio Ramires Ferro passara sucessivas temporadas na Casa do Alto a transcrever os apontamentos para *Os Operários*, Guilherme de Castilho iniciara já os seus trabalhos biográficos (inclusive visitando-a em Nespereira, numa das suas pausas de diplomata em Paris), nesse preciso momento Ernesto de Sousa levava ao palco do Círculo de Cultura Teatral *O Gebo e a Sombra* e também no Porto algo já estaria sendo feito para a edificação em Março de 1967 do monumento ao escritor, adiada desde o início da década de 1940...

A

final, o centenário nada resolveria quanto à edição integral da obra brandoniana, que Maria Angelina, falecida em 1973, já não veria realizar-se, mas mostrou que os seus livros continuavam a sacudir muita boa gente, como provam os suplementos literários que então lhe foram dedicados. Num desses suplementos, o do portuense *Jornal de Notícias*, de 20 de Abril de 1967, José Saramago assinou um artigo — nunca incluído em colecções e adiante transcrito — que, na minha opinião, pode e deve ser lido como se fosse o seu parecer de *publisher* sobre a edição das obras de Raul Brandão que a Estúdios Cor não quis assumir além do livro de 1923 (e parecia estar em boas condições para o fazer, se o quisesse). Reconhecendo «não saber exactamente o que se há-de fazer da obra de Raul Brandão», tida como «irremediavelmente *datada*» (e sublinhou) e de «terrível destino», não é só o par do mesmo ofício mas também o editor Saramago que de seguida questiona «que literatura precisamos» (o clássico «que *faz falta* publicar?» dos editores a sério). A «ternura sempre molhada em lágrimas» do autor de *Húmus* já não seria adequada aos desafios da humanidade, pois — interroga-se — diante da nossa «suprema fragilidade» diante da morte, «não haverá lugar para o sorriso sábio de quem dominou os medos e pode aspirar à alegria?». Foi sobretudo como escritor que José Saramago levou muito a peito tal demanda...



ilustração: LUÍS MANUEL GASPAR

EDITORIAL ESTÚDIOS COR, LDA.

RUA JOÃO PEREIRA DA ROSA, 20-A - LISBOA, 2 - PORTUGAL - TELEFONES 328889 362146

Exm<sup>as</sup>. Sr<sup>as</sup>.  
D. MARIA ANGELINA BRANDÃO  
Casa do Alto  
Nespereira  
GUIMARÃES

Lisboa, 4/9/65

Exm<sup>as</sup>. Sr<sup>as</sup>.,

Teve esta Editorial o prazer e a honra de publicar uma edição ilustrada de "Os Pescadores" de Mestre Raul Brandão, a qual, com orgulho o declaramos, foi recebida com os maiores aplausos da crítica e do público.

Dado, porém, o seu preço e o facto de se tratar de uma tiragem limitada, a sua difusão não atingiu a generalidade dos leitores, o que nos leva agora a pensar na hipótese de uma edição diferente, de características normais.

Muito nos interessaria, por isso, saber a opinião de V. Ex<sup>as</sup>. sobre o assunto e as condições em que poderíamos elaborar um novo contrato.

Aguardando com o maior interesse as suas notícias, subscrevemo-nos com consideração e estima.

De V. Ex<sup>as</sup>.  
Muito Atentamente

EDITORIAL ESTÚDIOS COR, LDA.  
LISBOA

*Guimarães*

# UM ANEL DE SOFRIMENTO

JOSÉ SARAMAGO

**R**aul Brandão é aquele incómodo parente que todos nós temos ou tivemos, de vida irregular ou misteriosa (sabe-se lá o que fez, por onde andou, quanto menos intimidades melhor), uma espécie de personagem de malefício, nascida em mundo pouco salubre. Usa um vocabulário de bruxo ou de mago, traz nas pregas da capa uma mistura de cheiros inconciliáveis: enxofre e incenso, rosa e salsugem... Com um gesto derruba os cenários do nosso quotidiano e ergue, no lugar deles, a vila fantasmática, a esverdeada cenografia em que circulam, como animais cegos e grotescos, as figuras do *Húmus*: Gabiru, Joana, as velhas, o Santo... E tudo isto envolvido em doirado e bolor, em doirado e caruncho, em doirado e silêncio — como uma velha pintura bizantina que, do fundo dos séculos, põe em nós os seus olhos mortos e conformados. Mas este parente, de cujo convívio se procura cuidadosamente afastar as crianças, é ao mesmo tempo um homem cheio de ternura, bom como o pão, ele próprio quase uma criança também, que guarda nos olhos o deslumbramento das paisagens marinhas, das praias luminosas onde os fantasmas não podem respirar. Daí, perdoar-

-se-lhe muita coisa. Por outro lado, é *quase* um grande escritor. Mais perdões, portanto. E nesta operação de justificar e condenar, de admitir e de esconder — acaba-se por não saber exactamente o que se há-de fazer da obra de Raul Brandão, nosso parente. Saborear a forma e desprezar o fundo? (Mas como é isso possível?) Ceder ao embalo do fluir da inventiva poética e recusar o insistente apelo do seu irracionalismo? Por outras palavras: mergulhar de cabeça no panteísmo alucinatório de uma fusão na natureza que se conclui por um não-ser? Concordar, finalmente, que «a desgraça provém, não do sofrimento, mas da razão?»

Terrível destino nos parece ser o desta obra, em tantos aspectos sem par na literatura portuguesa! Irremediavelmente *datada*, como aquela pintura bizantina; testemunha de um mundo que não está morto ainda mas que tem de morrer, que é preciso que morra; espelho de um tipo de homem que recusa a alegria, ou, não a recusando inteiramente, acaba por perder-se no labirinto subterrâneo do obscuro, do demoníaco, da negação.

**B**em sabemos que a última palavra cabe sempre à morte, e que essa palavra, ainda *não* dita enquanto vivos, já está ecoando em nós. Saber que morremos é o primeiro sinal da podridão. Não nos foi dado o grande riso dos deuses imortais. Mas, nesta suprema fragilidade, não haverá lugar para o sorriso sábio de quem dominou os medos e pode aspirar à alegria?

Mesmo sabendo de antemão que o voo não chegará a termo, que o impulso será cortado cerce, agora, amanhã, um dia? No itinerário que Raul Brandão percorreu, um ponto ele alcançou que estaria no caminho da possível alegria humana: a ternura. Mas, em Raul Brandão, a ternura vem sempre molhada de lágrimas, e assim o ciclo se fecha num anel de sofrimento.

**A**rraigada tineta é esta de exigir do escritor que seja não o que é, mas o de que *precisamos*. E talvez impropriamente aproveitada esta oportunidade de formular, uma vez mais, tal exigência. Sobretudo se pensarmos que, mesmo quando conquistada (e como? em que mundo? em que sociedade?), a alegria será sempre provisória porque mortal — excepto para os deuses imortais que, por certo, neste exacto momento, se estarão rindo de nós.

*JORNAL DE NOTÍCIAS, PORTO, 20 DE ABRIL DE 1967, SUPLEMENTO LITERÁRIO, N.º 680*

Vasco Rosa é editor e pesquisador literário. Foi secretário de redacção de revistas culturais e crítico de livros.



Casa Fernando Pessoa

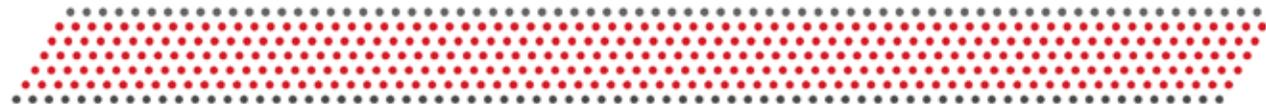


Fundação José Saramago  
Casa dos Bicos

**Bilhetes de € 1,00 na segunda Casa de Autor,  
mediante apresentação do bilhete de entrada  
na primeira Casa visitada.  
(Desconto com validade de 10 dias)**

Entrance tickets of € 1.00 in the second Author House,  
on presentation of the entrance ticket of the first home visited.  
(Discount is valid for 10 days)

Entradas a € 1,00 en la segunda Casa de Autor,  
en la presentación del billete de entrada en la primera casa visitada.  
(El descuento es válido por 10 días)



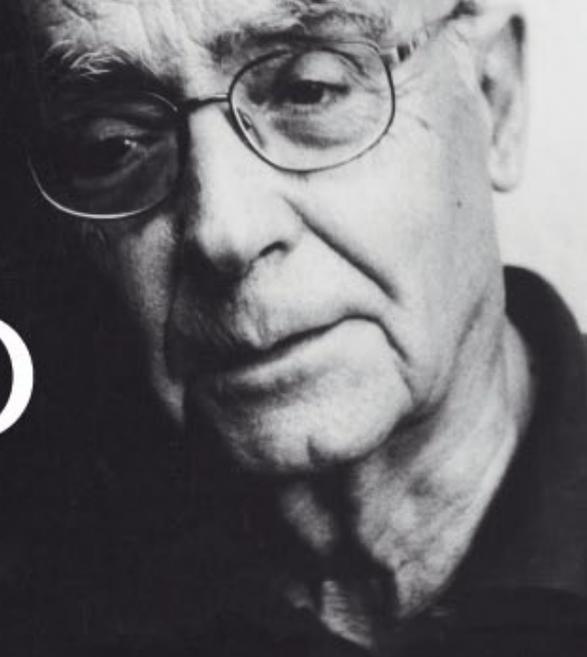
Casa Fernando Pessoa  
Rua Coelho da Rocha, 16  
Campo de Ourique  
1250-088 Lisboa  
Tel. (Phone) - + 351 213 913 270  
casafernandopessoa.pt



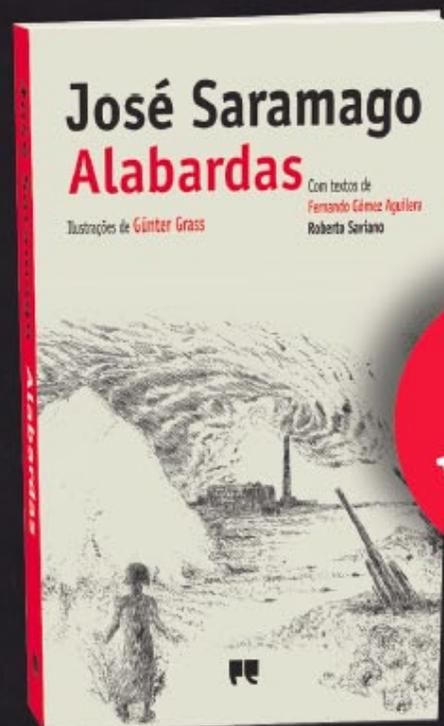
Fundação José Saramago  
Casa dos Bicos  
Rua dos Bacalhoeiros, 10  
1100-135 Lisboa  
Tel. (Phone) - + 351 218 802 040  
josesaramago.org

O PRÉMIO NOBEL PORTUGUÊS CONTINUA VIVO

# JOSÉ SARAMAGO



**ALABARDAS, ALABARDAS,  
ESPINGARDAS, ESPINGARDAS**  
Uma última viagem na sua  
permanente vocação  
para agitar consciências.



**LIVRO  
INÉDITO**

 **Porto  
Editora**  
70 ANOS a abrir horizontes

 **Fundação  
José Saramago**

***Que boas estrelas***

---

***estarão cobrindo***

---

***os céus de Lanzarote?***

---

***José Saramago, Cadernos de Lanzarote***

**A Casa  
José Saramago**

---

**Aberta de segunda a sábado,  
das 10 às 14h.**

**Última visita às 13h30.**

**Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h.**

**Última visita a las 13h30 h.**

**Open from monday to saturday,  
from 10 am to 14 pm.**

**Last entrance at 13.30 pm.**

**Tías-Lanzarote - Ilhas Canárias,  
Islas Canarias, Canary Islands**

**[www.acasajosesaramago.com](http://www.acasajosesaramago.com)**



até  
26 jun

**Carnaval**

Espetáculo de dança criado a partir de O Carnaval dos Animais, de Camille Saint-Saëns, com a Companhia Nacional de Bailado e a Orquestra Sinfónica Portuguesa. Lisboa, Teatro Camões. Até 26 de junho.  
→

até  
29 jun

**A Descoberta das Américas**

Monólogo da autoria de Dario Fo, aqui interpretado por Júlio Adrião, acompanha a viagem de um fugitivo europeu da Inquisição e a sua chegada ao Novo Mundo. Rio de Janeiro, Teatro Serrador.  
→

até  
29 jun

**Agrupar Desagrupar. Rupturas da representação**

Exposição que reúne trabalhos de artistas galegos da década de oitenta, procurando na sua produção os traços comuns e geracionais que os influenciaram. Santiago de Compostela, Centro Galego de Arte Contemporâneo.  
→

até  
3 jul

**Festa da Ilustração**

Segunda edição da Festa da Ilustração de Setúbal, integrando exposições, encontros e workshops para todas as idades. Setúbal, vários lugares.  
→

até  
17 jul

**A ideia de paisagem na Coleção Nacional de Fotografia**

Exposição que acompanha a evolução do conceito de paisagem, mudando do rural para o urbano e de composições em longos planos para a fragmentação que caracteriza as últimas décadas.  
→

# JUNHO

## até 25 set

### Punk. Sus rastros en el arte contemporáneo

Percurso pelo trabalho de artistas oriundos de diferentes geografias, procurando acompanhar a influência do Punk nas suas obras. Barcelona, Museu d'Art Contemporani de Barcelona.



## até 26 set

### Campo Cerrado. Arte y poder en la posguerra española 1939-1953

Exposição que parte do romance homónimo de Max Aub para refletir sobre os anos do pós-guerra na arte espanhola. Madrid, Museo Reina Sofía.



## 24 jun

### Las Noches Barbaras

12.ª edição do Fiesta de Músicos de la Calle que reúne, em Madrid, dezenas de músicos que costumam ter a rua como único palco. Madrid, Círculo de Bellas Artes. 24 de junho .



## 24 e 25 jun

### Queixa-te

Inspirada livremente na obra de António José da Silva sobre D. Quixote e Sancho Pança, este espetáculo de marionetes explora os feitos absurdos, as ilusões e os equívocos de uma personagem fundadora da cultura europeia. Lisboa, Museu da Marioneta.



## 9 jul a 31 out

### Eu não evoluo, viajo

Exposição retrospectiva do trabalho do pintor José Escada, mostrando as diferentes fases da sua obra. Lisboa, Centro de Arte Moderna/ Fundação Calouste Gulbenkian.



***Blimunda, Número  
especial anual /  
2014, em papel.  
disponível  
nas livrarias  
portuguesas.  
Encomendas  
através do site loja.  
josesaramago.org***

